

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

ELIANE DE SOUZA MARTINS

Entre o lixo e as políticas públicas: os catadores de arte

Rio de Janeiro

2023

ELIANE DE SOUZA MARTINS

Entre o lixo e as políticas públicas: os catadores de arte

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade LatinoAmericana de Ciências Sociais e Fundação Perseu Abramo, como partados requisitos necessários à obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Me. Gleidson Wirllen Bezerra Gomes

Rio de Janeiro

2023

Ficha Catalográfica

MARTINS, Eliane de Souza

Entre o lixo e as políticas públicas: os catadores de arte /
Eliane de Souza Martins. Rio de Janeiro: FLACSO/FPA,
2023.

67 pg.

Dissertação (Magíster en Estado, Gobierno y Políticas
Públicas), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais,
Fundação Perseu Abramo, Maestría Estado, Gobierno y
Políticas Públicas, 2023.

Orientador/a: Gleidson Wirlen Bezerra

ELIANE DE SOUZA MARTINS

Entre o lixo e as políticas públicas: os catadores de arte

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade LatinoAmericana de Ciências Sociais e Fundação Perseu Abramo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas.

Aprovada em: ___ / ___ / ___

Prof. Me. Gleidson Wirlen Bezerra Gomes (Orientador)

Profa. Dra. Selma de Souza Brito – FLACSO Brasil

Profa. Dra. Teresinha de Fátima Alves Ribeiro – Seduc-PA

Rio de Janeiro

2023

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Perseu Abramo por me proporcionarem esse mestrado, me abrindo um campo de leituras e reflexões enriquecedoras para a formação acadêmica, profissional e política.

Agradeço ao Partido dos Trabalhadores e a retomada do Brasil da Esperança, destruído durante o período em que esse estudo acontecia e recuperado em meio à uma luta diária contra o negacionismo e a covid.

Agradeço ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que serviu de inspiração para essa pesquisa, pelas políticas públicas que tiveram início em seu governo e que mudou a vida dos catadores, pela relação afetuosa que mantém desde o primeiro mandato - preservada para além das instituições - e pela coragem de nos representar novamente nesse momento importante da história, na luta contra o fascismo.

Agradeço à presidenta Dilma Rousseff pela aula inaugural de geopolítica, pelo exemplo de mulher que encoraja e ensina a resistir, pelo cumprimento da promessa de que retornaríamos.

Agradeço aos mestres que nos enriqueceram com sua generosa transmissão de saber, suas indicações de leituras e avaliações cuidadosas e pertinentes.

Agradeço ao meu orientador Gleidson Wirllen Bezerra Gomes pela dedicação, atenção e carinho, além das preciosas dicas de organização do texto que muito me serviram.

De todos os objetos

De todos os objetos, os que mais amo são os usados. As vasilhas de cobre com as bordas amassadas, os garfos e as facas cujos cabos de madeira foram colhidos por muitas mãos.

Estas são as formas que me parecem mais nobres.

Estes ladrilhos das velhas casas gastos por terem sido pisados tantas vezes, estes

ladrilhos onde cresce a grama

me parecem objetos felizes. Impregnado do uso de muitos,

amiúde transformados, foram aperfeiçoando suas formas e se fizeram preciosos

porque tem sido apreciados muitas vezes.

Agradam-me, incluso, os fragmentos de esculturas com os braços cortados.

Viveram também por mim. Caíram porque foram trasladados.

Derrubaram-nas, talvez, porque estavam muito altas. As construções quase em ruína parecem todavia projetos sem acabar, grandiosos; suas belas medidas podem já

imaginar-se,

mas ainda necessitam de nossa compreensão. E além do mais já serviram,

inclusive já foram superadas.

Todas estas coisas me fazem feliz.

Bertold Brecht

Resumo

A presente pesquisa buscou analisar a relação da arte com o lixo, associada às políticas públicas implantadas no Brasil nos últimos anos, em especial as voltadas para os catadores. As análises foram feitas através do estudo da história da arte, as mudanças que a relação com o lixo produziu nas produções artísticas e os efeitos dessas mudanças na vida dos catadores de lixo. De igual modo a pesquisa buscou entender o alcance das políticas públicas relacionadas à arte com o lixo, seus avanços e recuos em diferentes períodos da história. A revisão bibliográfica acerca da história da arte nos permitiu compreender os diferentes contextos que transformam o lixo em matéria prima privilegiada do artista, como reflexos na vida dos catadores. Finalmente foi possível uma análise das políticas públicas petistas, os avanços produzidos no que hoje podemos chamar de categoria – o catador – seus desmontes e reconstruções, suas conquistas irreversíveis.

Palavras-chave: Arte; Lixo; Catadores; Políticas públicas.

Resumen

El presente estudio busca analizar la relación del arte con la basura, asociada a las políticas públicas implantadas en Brasil en los últimos años, en especial las dirigidas a los basureros. Los análisis fueron echos a través del estudio de la historia del arte, los cambios que la relación con la basura ha producido en las producciones artísticas e los efectos de esses cambios en la vida de los basureros. De igual modo el estudio ha buscado entender el alcance de las políticas públicas relacionado el arte con la basura, sus avances y retrocesos en diferentes períodos de la historia. La revisión bibliográfica acerca de la historia del arte nos permitió comprender los diferentes contextos que transforman la basura em materia privilegiada del artista, com reflejos en la vida de los basureros. Finalmente fue posible un análisis de las políticas públicas petistas y los avances producidos en lo que hoy podemos llamar de categoria – el basurero – sus desmontes y reconstrucciones, sus conquistas irreversibles.

Palabras-clave: Arte; Basura; Basureros; Políticas públicas.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
1. O lixo associado à arte	11
1.1 Arte, lixo e luta de classes.....	12
1.2 O lixo que inspira a arte.....	15
1.3 A arte de catar lixo em parceria com o grafite.....	17
2. Arte, lixo e estética.....	30
2.1 Lixo e modernidade.....	31
2.2 A experiência estética dos catadores de arte.....	35
2.3 O Museu do Lixo e a estética da memória.....	38
2.4 Do luxo ao lixo – a estética do cotidiano.....	42
3. Lixo, arte e o desafio das políticas públicas.....	45
3.1 Arte e cultura como direito	46
3.2 Cidadania, arte e subjetividade	49
3.3 As políticas públicas e os catadores de arte.....	50
3.4 Arte e lixo como políticas públicas.....	52
3.4.1 A arte de catar lixo e os catadores como artistas.....	53
Considerações finais.....	58
Referências Bibliográficas.....	61

Introdução

A arte associada ao lixo desperta o interesse dessa pesquisa a partir das políticas públicas que deram visibilidade a um grupo social excluído: os catadores de lixo. Que transformam restos em fonte de sobrevivência, de forma resistente e criativa, dialogando com diferentes segmentos da sociedade e estabelecendo vínculos com o fazer artístico em suas mais variadas formas de expressão. Transformando-se em mais do que simples catadores, catadores que imprimem subjetividade ao gesto de catar, garimpar e ressignificar restos perdidos, rejeitados e reincluídos. Restos que se confundem com seus corpos, castigados pela rotina sofrida, pela chuva e pelo sol, pela invisibilidade do dia a dia. Corpos resistentes que produzem inesgotáveis fontes de criatividade, resistência e poesia.

O encontro do lixo com a arte faz parte da história do homem, como testemunha do tempo e sua relação com os objetos, cujo lugar de mercadoria sofre mudanças ao longo dos anos. Mudanças que refletem nas formas de produção, consumo e descarte, com ameaças ao meio ambiente, à vida no planeta e à subjetividade. O objeto passa a ser produzido pelas máquinas, impondo movimentos repetitivos e promovendo a alienação do sujeito em relação à sua produção e descarte. Gerando fenômenos que passaram a interferir no campo da estética e das ideologias, onde a desigualdade se reflete no lixo e no fazer artístico, transformando os restos em matéria prima privilegiada do artista.

As ameaças do progresso atravessam os processos criativos, influenciados pelo marxismo e pela psicanálise, pela descoberta dos sonhos e pelo debate sobre a luta de classes. Produzindo efeitos na história da arte através da construção de um imaginário recheado de restos do passado, que retornam sob a forma de fragmentos ressignificados. O objeto desprezado adquire força simbólica, provocando as relações de poder e legitimando estilos, como forma de luta e resistência contra a superficialidade do consumo desordenado.

Arte que não se restringe às produções em ateliês, mas as que encontramos nas ruas e calçadas das grandes cidades, que brota no imaginário dos catadores, ressignificando os restos, as sobras, o rebotalho reinvestido de valor e sentido. Vivendo em condições adversas, vulneráveis a constantes ações repressivas do poder público, os catadores exercitam a arte da sobrevivência diária. Em meio às crises humanitárias que promovem a desigualdade social, eles resistem incansavelmente, recolhendo de forma criativa o que é desprezado.

Essa pesquisa busca entender as diferentes etapas da vida cultural brasileira em que lixo e arte se encontram, começando com a Semana de Arte Moderna e sua ruptura com o modelo

eurocentrista, passando pelo tropicalismo e seu ciclo de mudanças, cuja perspectiva sensorial cria novas e múltiplas funções para os objetos do cotidiano, unindo arte e lixo em um contexto de repressão e censura, denunciando a estética do consumo que promove exclusão e desigualdade.

Na vida contemporânea o grafite tem se tornado um dos pontos de intersecção entre arte e lixo, unindo grafiteiros e catadores de material reciclado na ocupação de espaços urbanos, dando visibilidade aos restos e operando como instrumento de combate ao preconceito, com ações criativas e de forte impacto visual. Em São Paulo o grafite se une aos catadores de material reciclado para pintar carroças, conhecidas como “burro sem rabo”, dando visibilidade a um projeto que ocupou a cena paulista, além de forte engajamento nas redes sociais. A abordagem atinge não somente o catador autônomo, mas as cooperativas, concentrando-se na cidade de São Paulo e se estendendo pontualmente para outros Estados.

A história da arte associada ao lixo relaciona as formas artísticas com as formações sociais, sendo tratada nessa pesquisa como a história da luta de classes, onde o lixo opera como testemunha do tempo e suas formas de exclusão social. Identificando nas marcas por ele deixadas diferentes períodos de ruptura e ressignificação dos objetos, subvertendo sua relação com o sujeito e abrindo espaço para a subjetividade, na contramão da lógica capitalista que se restringe à utilidade. A ameaça do progresso exige uma história escrita na contramão do tempo, utilizando as ruínas do passado para refletir a barbárie do presente.

O catador de material reciclado, objeto central dessa pesquisa e a quem chamamos de “catadores de arte”, transforma a coleta em lembrança, recuperando o passado nos restos estilhaçados, nas marcas de golpes simbólicos que enfraquecem a vida coletiva e produzem escombros humanos. Catadores capazes de reinventar, no meio do caos, a sua própria história, preservando a identidade através de museus do lixo, uma recente invenção dos garimpeiros de raridades.

As recentes criações de museus do lixo em vários Estados, que se deram por iniciativa dos catadores, servem como demonstração do esforço da categoria na preservação de objetos que significam e geram pertencimento. Essa pesquisa busca investigar de que forma o apelo estético atravessa essa atividade em particular, promovendo a humanização, em o contraste com a dominação material, tornando o direito de desfrutar da arte um importante capítulo desse debate. O direito, que nasce junto com a Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH, dá destaque ao papel do Estado como incentivador e fomentador das diferentes formas de manifestação cultural, responsável por promover a acessibilidade e a igualdade frente à

diversidade. Os diferentes sentidos da palavra cultura associada aos direitos humanos despertam discussões jurídicas e antropológicas, exigindo desta pesquisa um esforço na atualização do tema e sua conceituação adequada.

O direito à cultura atravessa os processos artísticos e influencia o ambiente sócio cultural. Verificamos, no percurso desse trabalho, diferentes períodos históricos determinando políticas locais, com a presença do Estado na criação e garantia de execução de políticas públicas, alternado por períodos de obscurantismo, com a negação da diversidade e de um ambiente facilitador da criatividade. A redução do trabalho às necessidades básicas volta a ser responsável pelo processo de alienação e pura repetição de práticas vulgares, num ambiente hostil ao processo criativo. A luta pelo controle da subjetividade é luta por transformação política, em tempos de guerra e conflitos sociais.

É possível reconhecer na garimpagem dos catadores, potenciais criativos com força política, desafiando a formulação de políticas públicas que associem lixo e arte, assim como é imenso o desafio da academia para a formulação de novas teorias. No Brasil os catadores tem sido os grandes protagonistas de uma atividade organizada, ampliada com a chegada do Partido dos Trabalhadores ao governo e a implementação de políticas voltadas para a categoria. A regulamentação da profissão e criação de subsídios, permitiram a ampliação de espaços cooperativados, com aquisição de maquinários e aprimoramento da reciclagem em grande escala.

As políticas públicas envolvendo arte e lixo, especialmente a partir das mudanças implantadas nesse período, produziram reflexos na vida dos catadores e da comunidade em torno, gerando iniciativas institucionais, públicas e privadas. Essa pesquisa se dedica a compreender em que medida essas políticas bordejaram o campo das artes, estimulando a garimpagem criativa, e em que medida essa imersão precisa ser aprofundada em sua transversalidade, unindo a questão do meio ambiente à arte como instrumento de luta e resistência contra a barbárie.

O método utilizado para a exploração do tema parte da pesquisa documental sobre os modelos de políticas públicas do Partido dos Trabalhadores – PT direcionadas à arte e ao lixo, avaliando sua relação com o MNCR, e seus impactos na vida dos catadores e da comunidade em torno. Os critérios para interpretação dos fenômenos se fundamentam na pesquisa bibliográfica, descortinando o encontro do lixo com a arte através da história e seus impactos nas produções artísticas brasileiras e nos movimentos de vanguarda.

No primeiro capítulo faremos um apanhado histórico da arte associada ao lixo e seus cortes temporais, incluindo nesse universo os catadores de arte. No capítulo seguinte abordaremos a estética como instrumento de luta e resistência, inspirados no marxismo e na psicanálise, dando origem à arte marginal que une arte, lixo e temporalidade, brotando dos porões da história. O terceiro capítulo trata dos desafios das políticas públicas, refletindo diferentes períodos políticos, oscilando entre a ameaça permanente do obscurantismo e a retomada da esperança de um governo popular. Onde as políticas públicas voltam a ser prioridade e os catadores ampliem sua capacidade de trabalho e seus espaços de subjetividade.

Capítulo 1

O lixo associado à arte

Associar lixo e arte é um trabalho que exige reflexão acerca da relação do homem com os objetos do mundo e as mudanças promovidas pelo processo civilizatório. Tanto a valorização quanto o desprezo pelos objetos evocam momentos da história, momentos de encontro entre o velho e o novo, entre o passado e o presente, entre a memória e o esquecimento, entre o capital e a luta de classes. A arte, que confere aos objetos valores singulares, traduz esses conflitos e expõe as fissuras dessa relação conturbada.

A Revolução Industrial promoveu e incentivou o consumo, transformando a relação do homem com os objetos e suas formas de descarte, aumentando significativamente a produção do lixo, que cresce à medida em que o consumo se torna irrefreável. Passamos do lixo composto basicamente de matéria orgânica para uma produção desenfreada de resíduos químicos, cuja destinação afeta o meio ambiente e ameaça a vida do planeta, cada dia mais contaminado por uma quantidade crescente de lixo. Lançado em um “fora” que não existe, o lixo retorna sob a forma de ameaça à vida e ao meio ambiente. O incentivo ao consumo, associado aos padrões estéticos burgueses, suscita movimentos de releituras, reinvenção e ressignificação da realidade, dos objetos e das relações sociais (COUTO, 2012).

A arte, como testemunha do tempo, se apropria do objeto descartado, despindo-o de sua função habitual, contestando seu lugar de mercadoria e criando em torno dele novos enunciados. Transformando-se em arma criativa de movimentação incessante e perturbadora, capaz de produzir novas e revolucionárias abordagens. O movimento surrealista – que tem em André Breton e seu Manifesto Surrealista (BRETON, 1924) uma importante referência para a história da arte – amplia o debate em torno desse imaginário inquieto, libertando a loucura encarcerada na relação conturbada entre sujeito e objeto. Recebendo influência da psicanálise freudiana e sua descoberta dos sonhos, onde os restos diurnos se refazem, promovendo cortes e transições capazes de manter o homem, desgostoso do seu destino, um sonhador inveterado, que se utiliza dos objetos para sonhar, criar e trabalhar.

Arte, psicanálise e marxismo de mãos dadas promovem pensamentos subversivos, abrindo fendas na realidade, possibilitando experiências disruptivas e libertárias. Em contraposição à linearidade que o lucro exige, uma fratura estética rompe com o pensamento binário, reconstruindo o tempo através de escombros invisibilizados. O que a sociedade de consumo produz como desejo e dejetos é incorporado como matéria prima da arte, exibindo

a violência política que o lixo contém na sua materialidade. A arte ressignifica o objeto como possibilidade de criar uma temporalidade, onde os restos excluídos do passado são reinscritos no presente das obras (KOGAN, 2020), revelando um sujeito desejante “que repara nos objetos de seu uso habitual, e que lhe vieram por sua displicência, ou quase sempre por seu esforço, pois ele aceitou trabalhar, ou pelo menos, não lhe repugnou tomar sua decisão (o que ele chama decisão!)” (BRETON, 2004)

1.1. Arte, lixo e luta de classes

De acordo com Michael (2002), em Benjamin são nos fragmentos que estão as histórias da luta de classes, denunciando as ameaças do progresso econômico e técnico sobre a humanidade e os monstruosos desastres que a civilização industrial burguesa é capaz de produzir. Nesse compasso, o fascismo ocupa lugar central na história, não como um acidente ou absurdo do ponto de vista da evolução, mas como uma combinação moderna do progresso técnico com regressão social. A revolução em Benjamin corresponde à um rompimento contínuo, nadando contra a corrente e escrevendo a história a contrapelo, a partir dos restos.

O objeto temporalmente impuro cria relações com objetos que pertencem a tempos diferentes. Essa busca de atemporalidade está presente na arte experimental, através do uso do lixo que reorganiza as relações entre presente e passado, testemunhando a velocidade com que os objetos vão se tornando obsoletos, reconhecendo o tempo nas cinzas do passado e reinscrevendo-os através de montagens. Os aparatos residuais incorporam o que havia sido excluído, reinscrevendo as linhas do passado reprimidas, improdutivas e obsoletas, representadas na materialidade da obra (KOGAN, 2020).

Se o trabalho de fabricação do objeto de arte não existe sem a produção social de sua utilidade, a utilidade é posta em discussão quando a matéria prima é o “lixo”. O conceito de campo¹ em Bourdieu (1996) é o elemento que possibilita compreender as rupturas, criando oscilações nas relações de poder e transformando o que é tratado rotineiramente como rebotalho social – o lixo – em matéria prima capaz de alçar o *status* de objeto de arte. Não de forma

¹ O *campo* em Bourdieu tem propriedades universais e características particulares, com leis que regulam a luta pela dominação dos bens econômicos e culturais. As estruturas do *campo* são determinadas pelos ocupantes, correspondendo a um estado permanente de tensão nas relações de força, que se dá entre os agentes e as instituições que lutam pela hegemonia. O *campo* vive o conflito do monopólio do capital pela via da violência simbólica, promovendo no seu interior uma dinâmica de dominação, vivenciando movimentos de conservação ou subversão das estruturas sociais.

mecânica, mas dentro de um espaço de inter-relações e interpretações, cuja autonomia sustenta golpes de força simbólica, como o *ready-made*². Consagrado pelas instâncias de celebração, o ato artístico de Duchamp³ adquire uma intenção de provocação nas relações de poder, legitimando estilos e apostando nas lutas, onde a história que confere ao objeto um preço de mercado desprende-se de vez da relação com o custo de fabricação.

Além do conceito de campo, Bordieu (1996) faz uso do *habitus*⁴ como o elemento que permite rupturas ao mesmo tempo em que orienta julgamentos, através da dominação simbólica e da criação de uma libido social que molda as estruturas. Tal moldagem varia de acordo com os universos, relacionando as formas artísticas com as formações sociais, onde cada campo estabelece seu jogo de apostas. A crença no jogo cria as condições do seu funcionamento, estabelecendo a relação entre o *habitus* e o *campo*, associando o valor da obra e sua utilidade à crença no poder criador do artista.

Em diferentes períodos históricos as práticas artísticas passam por mudanças conceituais, criando novas formas a partir de novos *habitus*. No Brasil o movimento modernista demarca um desses períodos, tendo como ponto de partida a Semana de Arte Moderna⁵, que ainda pulsa no imaginário nacional, influenciando e deflagrando dissidências. Um evento que ultrapassa os limites do espetáculo, como um divisor de águas que permanece premente de agora. O resgate do Brasil profundo, suas raízes coloniais, seus rituais, sua dança, folclore, música e arte, faziam e ainda fazem parte dessa luta por reconhecimento da arte negra e indígena, tratadas como restos pela elite colonial. A história moderna brasileira se refunda numa nova origem, reconhecendo sua matriz colorida, multifacetada e manchada pelo sangue dos explorados.

As seguidas etapas da vida cultural brasileira, que convidam ao inconformismo e o repensar da história do país, tem no gesto desconstrucionista da Semana de Arte Moderna sua

² O *ready-made* é o fazer artístico de formato radical criado por Marcel Duchamp, capaz de promover um corte radical no modo de pensar a arte e suas relações de poder. Para tal fazer o artista utiliza objetos produzidos em massa para uso cotidiano, selecionando-os sem critério estético e atribuindo a eles, de forma arbitrária, status de obra de arte, de caráter contestador e reflexivo.

³ Duchamp (1887-1968) foi um artista franco-americano associado a vários movimentos da arte moderna, abrindo caminho para a arte pop e conceitual. Sua arte protestava contra os estragos da guerra, denunciando seu horror e defendendo a negação da cultura pela via da incoerência, da desordem e do caos.

⁴ Para Bourdieu o *habitus* é um sistema de pensar, sentir e agir de determinada forma em uma circunstância dada. Não de forma mecânica, mas flexível, refletindo um sistema organizador de práticas, capazes de gerar uma lógica racional que condiciona as ações. É composto pela moral, construindo uma realidade fundada nos valores construídos dos objetos. O *habitus* é tanto individual quanto coletivo, funcionando como princípio gerador e unificador de uma coletividade, com suas afinidades e diferenças, inscritos no indivíduo e seu universo social.

⁵ A Semana de Arte Moderna foi uma manifestação artístico cultural que aconteceu de 13 a 18 de fevereiro de 1922, reunindo diversos formatos e linguagens pra produzir uma estética inovadora e ousada. O evento provocou choques culturais e reflexões sobre o processo artístico associado à realidade brasileira e suas marcas escravagistas, rompendo com o academicismo e valorizando a identidade nacional.

espinha dorsal historiográfica, retirando da arte seu ar solene e artificial, contrastando qualquer regra ditada pela norma e pelo academicismo. Em 1960 o movimento tropicalista⁶ inaugura um novo ciclo de mudanças, com novas possibilidades de materialização da experiência estética. Nas artes plásticas temos como referência o trabalho de Hélio Oiticica (LOEB, 2011) cujos objetos, construídos com materiais descartáveis, dão cor e corpo à novas e irreverentes estruturas. Como importante representante desse movimento de vanguarda, o artista cria o *transobjeto*, usado para designar objetos impregnados de uso e circulação, destituídos de suas funcionalidades e refeitos em suas subjetividades, produzindo agrupamentos desatrelados da rede de encadeamentos que o capitalismo fornece aos objetos sociais.

Ao mesmo tempo que se inscreve na esfera social, o *transobjeto* subverte as relações, interferindo na lógica da série homogênea, revelando o lado oculto dos objetos e transformando o habitual em estranho. Destituindo padrões e certezas instituídas e incitando um comportamento experimental, onde as coisas do mundo se apresentam livres de hábitos e significados. A força poética de Oiticica está na perspectiva sensorial e lúdica, capaz de criar aberturas para a subjetividade e para as múltiplas funções dos objetos, seus relevos espaciais, bólides, capas, estandartes, tendas e penetráveis, dando início mais tarde às Manifestações Ambientais com seus Parangolés.⁷

As artes plásticas incorporam ao seu repertório a performance, cuja ousadia faz uso de objetos não convencionais como forma de protesto, ocupando espaços públicos em oposição aos espaços de ação cultural dominados pelo Estado, com o objetivo de confrontar a censura e a violência instituídas. Os movimentos envolvendo arte e lixo, em um contexto de exclusão e censura, confere à arte o lugar de antagonismo, denúncia e ressignificação da exclusão, incorporando à sua produção resíduos da cultura de massas.

A marginalidade, baseada na lógica da transgressão, se torna instrumento de resistência, denunciando a estética do consumo e provocando o sistema opressor vigente. “Seja marginal, seja herói”⁸ é o mote que faz parte do repertório de Oiticica, dando origem ao movimento marginalia ou cultura marginal, que transforma a arte em arma de oposição à ditadura sangrenta instalada no país. O artista se tornou alvo de perseguição política acusado de apologia ao crime,

⁶ O Movimento tropicalista foi consagrado como ponto de ruptura comportamental, político ideológico e estético, sendo batizado pelo termo Tropicália por Hélio Oiticica. Dialogando com a música e o teatro, o movimento ganha as páginas da mídia cultural, produzindo rupturas nos eixos determinantes da relação arte-sociedade. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QzhptqD6H8fdCnkms36Gx7H/?lang=pt> Acesso em 28/10/2022

⁷ Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/helio-oiticica> Acesso em: 27/03/2022

⁸ Oiticica desenvolve na sua obra a marca da cultura marginal, considerada uma forma de transgressão dos valores burgueses, identificados com o regime militar. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/obras/seja-marginal-seja-heroi-1968-de-helio-oiticica/> Acesso em: 14/11/2022.

mantendo sua arte em confronto com as contradições da sociedade e em oposição aos valores conservadores e burgueses, identificados com o regime militar.

FIGURA 1: Seja marginal de Oiticica



Fonte: site Memórias da Ditadura

1.2. O lixo que inspira a arte

A arte produz cortes inesperados na realidade estruturada rumo ao progresso, utilizando cada vez mais restos de papel, papelão, plástico, embalagens, borracha e demais detritos produzidos pela lógica consumista, aproximando-se do lixo e seus efeitos na realidade fragmentada. Corte que se estende para as demais manifestações artísticas, como na escrita de Carolina de Jesus, cujo histórico de catadora rompe barreiras culturais e utiliza o papel-lixo como fonte de inspiração. Nascida em 1914, neta de pessoas escravizadas e filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina desenvolve o gosto pela leitura e pela escrita em um contexto adverso, de recursos escassos e poucos estímulos. Negra, catadora e favelada, ela se alimenta da escrita que recolhe do lixo para produzir narrativas sobre o seu dia a dia e sonhar com o reconhecimento social da sua arte.

Em 1941 seu poema em louvor a Getúlio Vargas é publicado no Jornal Folha da Manhã, fazendo-a conquistar espaço regular no jornal, sendo apelidada de “A Poetiza Negra” por seus admiradores. Em 1960 ela tem seu primeiro livro “Quarto de despejo” publicado, com tiragem de 10 mil exemplares, seguido de “Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada” (1961), “Pedaços de fome” (1963) e “Provérbios” (1965). Em 1969, esquecida pelo mercado editorial, Carolina volta à condição de catadora e morre pobre, em 1977.⁹

Arte e lixo também se encontram no cinema, através da fala de Estamira¹⁰, uma catadora isolada em seu mundo e atormentada por distúrbios mentais, revelando, entre frases desconexas, a urgência da subjetividade. Estamira, distante de qualquer movimento organizado, articula seu pensamento em torno dos restos que recolhe, oferecendo sua fala como objeto de arte sob a forma de documentário, envolvendo lixo e subjetividade (EVANGELISTA, 2008). Formatos que servem como exemplo de experiências estéticas singulares, que desafiam a incorporação e assimilação do objeto artístico e seus valores arbitrários.

Assim como ultrapassam o campo das artes plásticas, rompendo as barreiras que separam a pintura da escrita, as teorias sobre arte e lixo também rompem as barreiras que separam as galerias das ruas, com manifestações que confundem pixação e grafite¹¹, ambos associando a escrita com a estética. A cidade, concebida para instituições de enclausuramento – como prisões, internatos, fábricas, hospitais – tem nestas manifestações um cenário a serviço da liberdade da palavra, defendendo o direito à igualdade de fala e pensamento, fazendo do urbano um espaço de sociabilidade.

A criatividade e abundância de manifestações artísticas urbanas, ao associar a arte com o lixo, contribuem para o desenvolvimento de uma cidadania com base reflexiva, contrariando a alienação a que os habitantes estão sujeitos por ausência de representação. Um novo terreno a ser descoberto rompe com os ritmos, as normas e obrigações que condicionam as condutas, transformando o imaginário coletivo em formas de pertencimento à um campo habitado por fenômenos expressivos, em permanente confronto com a racionalização (FREITAS, 2017).

A subjetividade do catador de material reciclado, ao ocupar as ruas em busca de objetos raros e de valor estético, incorpora esse movimento marginal, produzindo novos desvios na regra do jogo de produção simbólica, rompendo com as formas tradicionais de manifestação da

⁹ Disponível em: <https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/> Acesso em 20/12/2022.

¹⁰ ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro. Zazen Produções Audiovisuais, 2005. Documentário Cor e PB, 35mm, 115’.

¹¹ Culturalmente a pixação é vista como crime, enquanto o grafite é reconhecido como arte. Disponível em: <<http://www.dfe.uem.br/comunicaem/2022/05/16/grafite-e-pichacao-por-que-um-e-considerado-arte-e-o-outro-crime/>> Acesso em: 14/11/2022

criatividade. Se a familiaridade com a obra de arte marca posições, na medida em que reforça a relação entre dominante e dominado e a incompatibilidade dos mundos, o enquadramento estético dos catadores rompe com as abordagens tradicionais, pelo poder da imaginação que ultrapassa hierarquias.

A atividade de “catar lixo” transformada em produção artística, rompe com a impotência causada pela lógica instituída, como um trabalho de decodificação e reinvenção da realidade. Em relação à dimensão estética, Deleuze (1992) afirma que somente a atividade revolucionária é capaz de promover tal formulação, através da associação da força de trabalho com o processo criativo, que se recusa a aceitar a realidade como irreversível, contestando o lugar de mercadoria. Produzindo uma revolução estética que persiste e amplia, à medida em que a arte se expande para além do seu conceito estático.

A arte de catar lixo, como forma de sobrevivência, na contramão da lógica de mercado, opera como máquina revolucionária, restituindo não somente a dignidade dos objetos, mas laços e valores que ultrapassam o drama ecológico, produzindo novos registros e enunciados. A luta de classes, que exige a retomada da democracia no registro do urbanismo e das relações humanas, se utiliza de dispositivos de produção de subjetividades e mediadores sociais. Se em todas as épocas a arte operou como refúgio existencial, na contemporaneidade esse refúgio se faz emergente, utilizando o lixo como matéria prima para contestar formas de dominação e alienação produzidas pelo capitalismo e suas consequências nefastas.

1.3. A arte de catar lixo em parceria com o grafite

Foi a partir de 1966, na França, que o grafite começou a ser visto como uma forma de arte, sendo utilizado para a transmissão de ideais civilizatórios. Nos anos 70 ele assume características associadas à cultura urbana nos Estados Unidos da América, marcando territórios de grupos nova-iorquinos, misturando pintura e escrita como principais características (FREITAS, 2017). No Brasil, a partir dos anos 80, é de uma periferia segregada que começam a surgir movimentos que desafiam as fronteiras estéticas, alterando a paisagem urbana com pixações e grafites, traduzindo sentimentos de uma juventude inconformada em busca de visibilidade e reafirmação da própria existência, apesar dos esforços históricos para inviabilizá-los (PEREIRA, 2020).

Como fruto dessa segregação, as marcas da pixação e do grafite provocaram reações históricas de aversão e perseguição desde o seu surgimento, gerando ações governamentais de repressão e perseguição aos seus autores. As primeiras manifestações começaram com Jânio Quadros (1986-1988), primeiro prefeito pós Ditadura Militar, que instituiu a Lei nº 10.237¹², com o objetivo de, entre outras coisas, proteger a paisagem, o meio ambiente e controlar o desenvolvimento urbano. A sucessora de Jânio, Luiza Erundina (1989-1992) estabeleceu um espaço de diálogo com os grafiteiros e promoveu avanços, que retrocederam nas gestões de Paulo Maluf (1993-1996) e Celso Pitta (1997-2000), com grafites apagados e sobrepostos com tinta cinza. Com Marta Suplicy (2001-2004) novos avanços e políticas públicas deram ao grafite visibilidade, sendo seguida pela gestão de Gilberto Kassab (2006-2012) e a promulgação da Lei 14.223¹³, a “Lei Cidade Limpa”, pintando novamente de cinza vários grafites.

Durante a gestão do prefeito Fernando Haddad (2013-2016), foi aprovada a participação popular na Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento - CPPU¹⁴ representando sua valorização na participação de assuntos relacionados à cidade e suas manifestações artísticas. Durante a sua gestão também houve a promessa de se criar uma nova política para a grafiteagem, com a formação de uma comissão composta de grafiteiros, artistas que trabalham com estêncil¹⁵, lambe-lambe¹⁶ e especialistas em urbanismo, objetivando promover a interação e criar estratégias para integração da arte urbana com a cidade.

A gestão do prefeito João Dória (2017), contudo, reiniciou um novo capítulo de conflitos e retrocessos, com a inauguração do projeto Cidade Linda, que em repúdio aos pixadores e grafiteiros, pintou de cinza os murais da Avenida 23 de Maio, uma das maiores galerias de grafite a céu aberto da América Latina¹⁷. O episódio gerou polêmica em diferentes setores da

¹² Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1986/1023/10237/lei-ordinaria-n-10237-1986-reestrutura-a-secretaria-da-habitacao-e-desenvolvimento-urbano-cria-os-cargos-correspondentes-eda-outras-providencias>> Acesso em: 21/01/2022.

¹³ Disponível em: <<https://cm-sao-paulo.jusbrasil.com.br/legislacao/804537/lei-14223-06>>. Acesso em: 21/01/2022.

¹⁴ Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento-urbano/participacao_social/conselhos_e_orgaos_colegiados/cppu/> Acesso em 22/01/2022

¹⁵ Estencil é uma técnica de pintura popular do grafite que consiste na aplicação de tinta sobre molde vazado em acetato, cortados com bisturi.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hW9B9PWF8XW394jKc4hCtbj/?lang=pt> Acesso em 01/11/2022.

¹⁶ Lambe-lambe é a arte de colar cartazes nas ruas, que nasceu no final do século 19 com o surgimento da imprensa, possibilitando a criação de uma nova mídia: o poster/cartaz. Mídia que disseminou a informação de diferentes conteúdos com custo barato. Disponível em: <https://designculture.com.br/a-arte-do-lambe-lambe/> Acesso em 01/11/2022.

¹⁷ O mural da Avenida 23 de Maio possuía 15 mil metros com 70 murais, executada sob a curadoria de Rui Amaral na gestão do prefeito Fernando Haddad, contando a participação de mais de 200 artistas, entre eles Inea, John Howard, Ricardinho e Treco, Binho Pinheiro, Enivo, Nove, Ozi, Mauro Neri, Mundano, Nick Alive, Tikka, Os Gêmeos, Nina Pandolfo, Nunca, Finok, Zefix e Kobra. <<https://www.hypeness.com.br/2014/12/mural-da-23/>>. Acesso em 15/01/2022.

sociedade, fomentando uma onda de pixações e grafitegens, como forma de protesto. Uma ação popular proibiu a Prefeitura de dar continuidade ao apagamento, baseada no argumento de que a ação foi realizada sem critérios técnicos, causando “irreparável dano paisagístico e cultural” à cidade (PIRES; SANTOS, 2018).

No Brasil há uma forte distinção entre pixação e grafite mantendo a atividade de pixação enquadrada na lei federal como crime ambiental, construindo uma visão simplificada e dicotômica dessas duas intervenções urbanas, sob o argumento de ordenamento do patrimônio urbano. Com a alteração da lei de 1998, que se deu durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, em 2011, o grafite pode finalmente ser considerado manifestação artística, refletindo na lei a alternância do processo histórico, com seus sucessivos momentos de repressão e abertura¹⁸. A pixação, contudo, segue constando na mesma lei que pune crimes ambientais graves, como a poluição de rios, o desmatamento, a mortandade de animais e as demais questões ambientais que envolvam a defesa da vida (PEREIRA, 2020).

A partir das suas inovações performáticas, o grafite vem se tornando um dos pontos de intersecção entre arte e lixo na vida contemporânea, nos permitindo analisar os conflitos presentes nas relações sociais, o incômodo causado pelo excesso de resíduos no cotidiano da vida urbana e as soluções estéticas que reconfiguram esse cenário caótico, por meio de uma leitura mais humana da realidade. Os catadores, assim como os grafiteiros, ocupam os espaços urbanos com ações criativas e intervenções que dão visibilidade aos restos humanos, transformando uma atividade marginal em instrumento de luta contra o preconceito e a desigualdade.

Dessa forma ele passou a ser utilizado para a conscientização sobre o descarte do lixo em vias públicas, com ações pontuais, em particular na cidade de São Paulo. No Dia Mundial do Meio Ambiente, em 05 de junho de 2016, uma ação do Coletivo Cultural Cenário Urbano e do Consórcio Soma, mais de 300 grafiteiros realizaram a maior ação de grafiteagem do ano, ocupando um muro de quase 1 km na região de Ermelino Matarazzo. O projeto leva conscientização aos “pontos viciados” de descarte irregular de lixo, além de encher os arredores com poesia, música e outras atividades artísticas¹⁹

¹⁸ Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/6985/A-descriminalizacao-do-grafite-Lei-n-12408-2011-e-a-tipicidade-conglobante>> Acesso em: 15/01/2022.

¹⁹ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/grafite-contra-o-lixo-reunira-mais-de-300-grafiteiros-em-muro-de-quase-1-km/> Acesso em: 07/04/2022.

FIGURA 2: 300 grafiteiros pelo dia do meio ambiente em São Paulo



Fonte: Jornal Estado de São Paulo (on-line)

Um projeto intitulado “Infografite” é realizado pela Unidade Básica de Saúde de São Jorge, na Zona Sul de São Paulo, misturando ações de promoção de saúde com grafiteagem em muros, revitalizando espaços degradados da comunidade. O último deles aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2016, envolvendo 281 pessoas, entre profissionais, parceiros e a comunidade em torno, em parceria com o Centro Comunitário Castelinho, Comitê da Dengue da Subprefeitura da cidade Ademar/Santo Amaro e com as empresas de Limpeza Urbana, SOMA e ECOURBIS. A intervenção contou ainda com o apoio do setor de Responsabilidade Socioambiental da Organização Social (OS) Santa Catarina, junto com o Programa Ambientes Verdes e Saudáveis (PAVS).²⁰

Em Portugal o grafite ocupa lugar de destaque na originalidade da obra do artista Artur Bordalo, conhecido como Bordalo II²¹, que une o grafite a um terceiro elemento, a escultura em 3D, criando cenários com peças de diferentes materiais descartáveis e produzindo um surpreendente apelo imagético. Como fruto de um mero acaso, o artista começa a criar a partir

²⁰ Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=224492>> Acesso em 12/04/2022

²¹ Bordalo II é o nome artístico de Artur Bordalo, nascido em Lisboa e neto de Real Bordalo, artista ceramista português autor de famosas aquarelas e óleos com paisagens de Lisboa. Disponível em: <<https://www.natgeo.pt/one-strange-rock/2018/03/bordalo-ii-o-artista-atras-do-lixo>> Acesso em: 20/12/2022.

da junção de peças aleatórias, unindo-as por meio de soldagem e cola, para em seguida colorir essas superfícies e transformá-las em imagens de forte impacto visual.

Grafiteiro clandestino na adolescência, Bordalo II passou a explorar novas técnicas de forma não programada, tendo como principal objetivo fazer arte com compromisso social, sem superficialidade ou objetivos meramente decorativos e interessantes do ponto de vista estético. Misturando lixo e grafite, o artista reproduz imagens de animais como representação da natureza, usando principalmente plástico, metal e materiais eletrônicos para criar peças tridimensionais coloridas e com forte conotação ambiental, como um exercício de cidadania que apela para um novo olhar sobre os restos que cercam o cotidiano dos grandes centros poluídos.²²

Para o artista, o lixo é o fim de tudo o que somos e fazemos, como fruto de vivências e do excesso de consumismo desnecessário, não desaparecendo e permanecendo no meio ambiente, devendo ser tratado com responsabilidade. A arte de Bordalo II faz do espaço um lugar diferente, permitindo que a vida interna da cidade evolua, podendo ser vista como produto e objeto de consumo, como um artefato cultural, uma construção humana que assimila significados particulares. Transformando sujeitos em atores e espectadores de um panorama vivo, em um ambiente modificado por novos contornos, que desafiam e expõem a fragilidade de um mundo ordenado (FREITAS, 2017).

²² Disponível em: <<https://www.natgeo.pt/one-strange-rock/2018/03/bordalo-ii-o-artista-atras-do-lixo>> Acesso em 01/04/2022

FIGURA 3 : Big Raccoon Street Art by Bordallo II



Fonte: Site treetartnews.net

FIGURA 4 – O lixo reintegrado do artista Bordallo II



Fonte: site Viver o verde

FIGURA 5: Bordalo II: O Artista Atrás do Lixo



Fonte: Site Natgeo

FIGURA 6: Reciclage Arquives – Notícias de Arte Totenart



Fonte: Site Totenart

No Brasil, o ex-pixador, grafiteiro e ativista Mundano (STEFANIU; RAIMO, 2016), também rompe com as normas e obrigações que condicionam sua arte, para dialogar com os catadores de material reciclado e colocar em cena debates acerca das questões socioambientais. Reproduzindo a linguagem dos catadores em suas carroças, conhecidas como “burro sem rabo”, o artista utiliza frases de efeito em seu “grafite papo reto”, criando o projeto “*Pimp my carroça*” para questionar conceitos e comportamentos, além de inspirar os catadores a performarem seus objetos de forma original e criativa.

O grafite como ferramenta de transformação social se destaca por sua enorme repercussão e contribuição para o debate sobre a realidade dos catadores e as questões socioambientais. O projeto, cujo nome foi inspirado no programa de televisão americano “*Pimp my ride*”²³, que transforma latas-velhas em carros turbinados, consiste em restaurar e pintar os veículos dos catadores, dando visibilidade aos que circulam com suas carroças pelo centro das cidades, como instrumento de conscientização, engajamento e transformação social, promovendo melhores condições de trabalho para uma categoria historicamente marginalizada (MARTINS; CAMPOS, 2016).

O projeto foi criado em 2007 na cidade de São Paulo, contando com edições de duração de um dia inteiro, com atendimento de saúde e bem-estar, cabelereiro e veterinário para os que possuem animais. Também envolve o restauro de carroças e instalação de itens de segurança, como retrovisores, cordas e pneus, ofertando aos catadores luvas, capas e óculos de sol. Ao final da edição acontece uma “carroceata”, que é uma passeata com os catadores e suas carroças pintadas pelas ruas da cidade onde o evento ocorreu, com a entrega de um manifesto dos catadores nas mãos de um representante do poder público.

Na gestão do prefeito Haddad, em junho de 2015, foi realizada, em parceria com o projeto, uma intervenção urbana na cidade de São Paulo denominada “reciclovias”, com 500 marcações em 30 km de ciclovias da capital, sinalizando o uso das mesmas por triciclos, skates, cadeiras de roda e outros modais, incluindo nela os catadores com suas carroças e carrinhos. A intervenção recebeu apoio popular e difusão nas redes sociais, com o compartilhamento democrático do espaço (PITA, 2015).

O ativista e grafiteiro, autor do projeto, deixou de lado a pixação ao ser classificado como criminoso ambiental e fichado no artigo 65 da lei 9.605 de 1988, dedicando-se aos personagens de sua autoria – uma espécie de carrancas com narinas e ouvidos preenchidos com olhos – incorporando ao desenho balões com frases como “Apaguem a miséria e não o

²³ Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/voxel/jogos/pimp-my-ride> > Acesso em: 15/01/2022.

grafite” e “Cidade limpa de corruptos”, como uma forma de denúncia às políticas arbitrárias. As frases acompanham o repertório do grafiteiro, migrando para as carroças turbinadas e os muros da cidade de São Paulo, onde é possível flagrar frases como “Você é um escravo do trânsito” ou “Menos concreto, mais árvores”.

Mundano teve o seu caminho atravessado pelos catadores ao pintar a primeira carroça, inaugurando o sonho de criar a maior exposição de arte ambulante do mundo, para uma

FIGURA 7: Cidade Sustentável/Reciclagem



Fonte: site Fundação Verde

população que não tem acesso a museus e galerias. Uma foto postada nas redes sociais, com uma carroça estampando a frase “Um catador faz mais do que um ministro do Meio Ambiente” ganhou mais de cem mil compartilhamentos, dando visibilidade ao embrião de um projeto que conquistou espaço privilegiado no mundo das artes.

De grafiteiro a artista, Mundano passou a usar esse veículo como suporte para atrair o olhar de setores da sociedade para os catadores, convocando a população a participar dos dramas sociais e ambientais de forma coletiva. O impacto da arte nas carroças produziu efeito de interação dos catadores com a comunidade de forma original, contribuindo para a luta contra o preconceito e aumentando a autoestima da categoria. Colocando em cena as disparidades e contradições sociais, bem como a deficiência no sistema de coletas diante da abundância de resíduos desprezados.²⁴

FIGURA 8: Fome, estômago e consciência da superexploração



Fonte: Site Outras Palavras

FIGURA 9: Aplicativo Cataki dá visibilidade a catadores de recicláveis



Fonte: Site Recicla Sampa

²⁴Disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2013/09/mundano-como-um-grafiteiro-se-tornousimbolo-da-arte-que-muda-o-mundo.html>> Acesso em: 30/01/2022

FIGURA 10: O projeto “Pimp my carroça” e seu impacto social



Fonte: site Dionisio Arte

FIGURA 11: Participe da mobilização para catadores de lixo



Fonte: Site Eu quero ajudar Curitiba

O projeto atua desde 2012, desenvolvendo ações colaborativas que impactam no reconhecimento da categoria perante a sociedade civil, do poder público e privado, no Brasil e

no mundo. Agindo de forma alinhada às normas, valores e regras que valorizem sujeitos, coletivos e territórios, com coragem para inovar a partir de novas práticas. As edições são feitas com intervenções públicas, reunindo dezenas de catadores ao ar livre para definir em conjunto qual será a arte, que acontece cercada de outras atrações culturais. As edições já aconteceram em São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Curitiba-PR, Jacareí-SP, Recife-PE, Salvador-BA, Bragança Paulista-SP, Cuiabá-MT, Manaus-AM e Brasília-DF. Fora do país, o evento já aconteceu nas cidades colombianas de Cali, Bogotá e Medellín, além de Quito, no Equador.

Um projeto futuro surge para inovar a principal ferramenta dos catadores, criando protótipos motorizados com energias renováveis não poluentes, como alternativa ao esforço braçal e melhoria da qualidade de vida, além de favorecer o aumento da reciclagem. A aplicação dos protótipos conta com metodologia própria do projeto, envolvendo atores locais e parceiros de setores da sociedade. Em 2021 o primeiro projeto piloto de Carroça Elétrica foi implantado em 4 territórios do Município de São Paulo, sendo atualmente requalificados para uma nova etapa de testes.²⁵

O projeto criou ainda o Pimpex, uma forma de financiamento coletivo, que se multiplicou pelo Brasil e ao redor do mundo, sendo reconhecido em 2019 como tecnologia social certificada pela Fundação Banco do Brasil.²⁶ Criou também o Cataki, um gerador de resíduos que aumenta a renda dos catadores, sendo utilizado para destinar corretamente o resíduo, com redes de contato e apoio aos catadores.²⁷ O projeto conta ainda com o Desafio Pimp, uma experiência imersiva em que os participantes experimentam o dia a dia na vida dos profissionais, como uma oportunidade para oferecer experiências transformadoras aos seus colaboradores voluntários.²⁸

Além de focar no catador autônomo, o projeto realiza parcerias com cooperativas, revitalizando por meio da pintura murais de grafite nos seus espaços, incluindo atividades culturais como shows, intervenções teatrais e oficinas, agindo no ambiente de trabalho para torná-lo mais colorido e inspirador.²⁹ Conta ainda com Ecopontos, espaços públicos mantidos pela prefeitura, destinados a receber resíduos como sofás velhos, podas e árvores, entulhos e resíduos de construção e reforma, valorizando esses espaços com arte.³⁰ Além dessas atividades, o projeto realiza ações rápidas de baixo custo e alto impacto, com execuções simples

²⁵ Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/carrocas-do-futuro/> > Acesso em: 12/04/2022 ²⁶ Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/pimpex-2/> > Acesso em: 12/04/2022 ²⁷ Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/cataki/> > Acesso em: 12/04/2022

²⁸ Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/desafio-pimp-2/> > Acesso em: 12/04/2022

²⁹ Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/pimp-nossa-cooperativa-2/> > Acesso em 12/04/2022

³⁰ Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/ecoponto/> > Acesso em: 12/04/2022

que escancaram as contradições e provocam reflexões no poder público e privado e na própria cidade.³¹

A arte do grafite é utilizada para dar visibilidade a quem realiza a parte mais importante da cadeia de reciclagem, sendo menos reconhecido e menos remunerado. Deixando claro a contradição e trabalhando para combater o descaso deliberado da sociedade em um contexto social de miséria e vulnerabilidade, onde os catadores trabalham em condições precárias, sendo mal remunerados por um trabalho exaustivo. Enxergar o resíduo como recurso de sobrevivência não é apenas inteligente, mas envolve sensibilidade artística, indo na contramão do consumo desenfreado e da exploração infinita dos recursos naturais. Jogar o lixo no lixo não é mais suficiente, é preciso tratar o lixo como matéria prima reciclável, recuperando-a e ressignificando seu lugar. O lixo que some do nosso campo de visão ao ser descartado não desaparece como um passe de mágica, assim como a miséria que nos cerca, ambos tratados com descaso e aberração social.

³¹ Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/acoes-artistas/> > Acesso em: 12/04/2022

Capítulo 2

Arte, lixo e estética

O conceito de estética, segundo Eagleton (1993) assume importância no pensamento moderno, por tratar de questões que ultrapassam o campo das artes, colocando no centro da luta a hegemonia política e seu formato de subjetividade apropriado à ordem social. Frente a esse cenário de luta e com base na estética dos afetos e hábitos espontâneos, o autor aponta para uma alternativa criativa associada ao corpo, como um território denso que desnaturaliza as práticas sociais e escapa à tirania do teórico, promovendo uma ambiguidade no conceito e uma rebelião no campo do saber.

A estética se apresenta como um sintomático dilema ideológico, ameaçado pelos conteúdos turbulentos do desejo, fora de qualquer controle e sujeição à unidade política. Como costume e impulso espontâneo, ela pode conviver com a dominação política ou operar a partir dos desvios traiçoeiros, unindo cultura e corpo numa relação de permanente conflito, capaz de produzir estragos na coerência teórica.

Neste cenário de ordenação testemunhamos a estética tocando numa região opaca, cujos caminhos misteriosos tem consequências políticas que ultrapassam o previsível e elevam o sensível à dignidade de formas espontâneas, onde a imaginação é estimulada e lançada para fora do corpo. Desmontando o modelo absolutista burguês e rompendo com estruturas opressivas, o objeto estético encarna o sujeito universal e histórico, integrado em carne e osso e animado pelos afetos.

Em Marx (1845-1846) encontramos o debate sobre os conflitos intermináveis decorrentes do desenvolvimento tecnológico e da disputa feroz do fruto do trabalho que ele promove. Corpos, atravessados pela linguagem e ameaçados por apropriações indevidas, tem sua natureza violada e submetida ao processo de alienação, sendo reduzidos à simplicidade crua da necessidade, renunciando aos prazeres em nome da acumulação. É na gratuidade da arte em relação à utilidade, em contraste com o trabalho forçado, que o desejo humano se difere do instinto, desconstruindo a oposição entre o prático e o estético através da emancipação dos sentidos. O estético, em Marx, depende da transformação política para florescer, em um mundo que já existe e outro ainda por nascer.

Para Freud (1929) a vida humana é estética, com suas sensações corpóreas e suas fantasias barrocas, inseparáveis da imaginação e das formações inconscientes. Que operam com uma lógica estética através de deslocamentos e condensações, como parte da vida

cotidiana e suas formações libidinais. Abrigando, no bojo dessas formações, tanto a tragédia quanto o triunfo, como parte de uma insatisfação permanente, alimentada pelo desejo e suas eternas contradições. Desmascarando o sujeito fissurado e inacabado, cuja fantasia de unidade tem no corpo a marca do mal estar insolúvel. O ideal estético de unidade esbarra nas cicatrizes dolorosas de ordem simbólica, produzindo estragos na coerência teórica, numa encruzilhada entre o semântico e o somático. Para Freud a atitude estética pode nos compensar dos sofrimentos da existência, mas não nos protege deles, operando de forma antagônica e subversiva.

Utilizando essas premissas teóricas podemos pensar que a mesma estética que transforma a arte em instrumento de luta e resistência - nos permitindo reconhecer a beleza do objeto no encontro dos traços talhados da obra com os traçados constantes da vida - também pode estar a serviço do mercado consumista, exigindo um pensamento dialético que nos permita pensar essa tensão permanente que chamamos de luta de classes. Reconhecendo no retorno ao corpo, suas marcas do tempo e suas relações com os objetos para além da necessidade, valores ressignificados e relações humanizadas. Corpo que não se submete, mas subverte a relação com o objeto, ressignificando a história a partir das cicatrizes produzidas pelo tempo. Histórias de objetos desprezados se confundem com a história de corpos desprezados, que sobrevivem da catação e da reciclagem, despertam a curiosidade acerca de uma estética subversiva, que dialoga com a arte e promove novos discursos.

A qualidade sensível dos objetos orienta as práticas criativas e constrói novas relações, em contraste com o capitalismo e suas relações mecânicas e sem valor sentimental. Objetos que alimentam a memória e são reintegrados ao mundo por seu valor histórico, para além da utilidade. Criando o mundo dos museus e acervos, com narrativas de continuidade e preservação do tempo vivido e experimentação de diferentes formatos. O Museu do Lixo surge como exemplo de ordenação de objetos fora dos padrões convencionais, recolhidos pelos catadores em sua rotina de garimpagem. Do lixo ao luxo, esses objetos transitam entre dois mundos, estabelecendo novas conexões entre a estética e a ideologia, tal como veremos mais adiante.

2.1 Lixo e modernidade

A modernidade, segundo Adorno e Horkheimer (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), caracteriza-se por um processo de colonização que transforma a existência em um puro agir

instrumental baseado na técnica. O desenvolvimento da Indústria Cultural exerceu um controle completo sobre o homem e seu papel em um mundo de superficialidades, evitando que ele se torne um sujeito ativo e criativo. A barbárie, com roupagem racional, domina as esferas da vida, promovendo uma permanente exploração dos corpos e das almas.

A separação da cultura com a natureza é o ingrediente básico para o nascimento de uma divisão, que afeta o imaginário e promove a primazia da técnica, gerando subjugação e dominação através da universalização do conhecimento. O controle da natureza resulta no conflito permanente entre o processo de produção e o descarte de mercadorias, com consequências nas relações sociais e na vida cultural. O sujeito da modernidade se descobre dividido em relação ao objeto, sua utilidade, seu tempo de uso, seu valor estético e afetivo, suas formas de produção e descarte, tornando essa relação cada vez mais digna de reflexão.

O capitalismo reduz a necessidade à simplicidade crua, onde a mera sobrevivência ignora a qualidade sensível dos objetos, reduzindo a necessidade ao mínimo e a atividade ao movimento mecânico. O excesso radical da necessidade é o que chamamos de arte, cuja gratuidade contrasta com o trabalho forçado, retirando do objeto seu valor funcional e devolvendo a ele seu caráter estético, se apresentando como forma de resistência à pura racionalidade. A arte é o excesso que devolve ao objeto seu uso humano.

O agir estético e o agir ético são formas de resistência à dominação da racionalidade, retirando do objeto seu valor meramente instrumental e explorando seu valor estético, para além da eficácia e eficiência. A dimensão técnica do agir estético, que está na origem da noção de arte, no entanto, se vê constantemente sob o risco da captura capitalista, exigindo práticas de resistência à dominação, com uma ética que oriente e normatize o uso das práticas criativas. A estética impõe um desafio às formas ideológicas dominantes, apresentando-se como um fenômeno particularmente contraditório, exercendo papel central na constituição da ideologia dominante.

Somente um pensamento dialético, nos diz Eagleton (1993), nos permite delimitar o caráter contraditório da estética. Sujeito à ordem social dominante, que tem por objetivo atingir a subjetividade profunda, o conceito de estética não resiste ao poder indomável dos corpos, que ultrapassa os limites das leis universais abstratas, operando cortes e rupturas. O corpo humano, nesse contexto, se divide entre o despotismo da necessidade abstrata e o valor sensível particular do objeto, investido de valor social e humano, feito pelo homem e para o homem. O papel da estética na construção da ideologia dominante esbarra no corpo rebelde, que resiste à submissão e se revolta com o poder que a inscreve e oprime. Promovendo revoluções.

O discurso intelectual da estética, com a produção cultural transformada em mercadoria, exige um retorno ao corpo humano como produto da história, com desejos e apetites que não se reduzem à simplicidade da necessidade e do movimento mecânico. É na emancipação dos sentidos corpóreos e sua relação com o objeto – imbuído de valor particular e sensível – que uma alteração nas relações entre os sentidos acontece, ressignificando o valor das coisas e a sua substância.

No pensamento freudiano (FREUD, 1996) encontramos a junção sujeito-objeto como um processo contínuo, marcado pela falta que aponta para o desejo e permite a entrada no campo da linguagem, humanizando uma relação desde sempre banhada pela subjetividade. A valorização dos restos, que retornam sob a forma de sonhos e atos falhos, permite o processo de construção de uma narrativa mitológica, onde a imaginação tem liberdade e produz sentido. Como o catador de restos, que percorre as cidades em busca de objetos desprezados, a Psicanálise vai em busca da memória perdida nas frestas do passado, no lixo que ressignifica e reinventa histórias não contadas.

Entre esses catadores encontramos a já referida Estamira (PRADO, 2004), que numa mistura de loucura e lucidez nos convida a prestar atenção nos restos da sua história, olhando para o lixo e reconhecendo nele pedaços desprezados, causados pelo descuido de uma sociedade consumista e sua relação superficial com os objetos.

Você tem sua camisa, você está vestido, mas está suado. Você não vai tirar a sua camisa e jogar fora. Você não pode fazer isso! Mas é assim que estão fazendo, de certa forma. Veja que isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, mas às vezes é só descuido.

Fortemente atravessada pelo espírito do catador benjaminiano³², Estamira aproxima o lixo da reminiscência e suas manchas da opressão, quebrando uma continuidade vazia e despertando fragmentos dos oprimidos. Nos ensinando que histórias de objetos desprezados revelam verdades desprezadas, restauradas pelo poder da estética, que reinventa o homem e sua história. A camisa que vai para o lixo não é só resto, é descuido com os descamisados, é a luta de classes que caminha pelas ruas em busca do lixo como forma de sobrevivência diária. Enquanto a fala de Estamira é usada pelo diretor de cinema como obra de arte.

O passado em Benjamin (1994) deve ser reforçado a serviço do presente, precisando ser reciclado para permitir uma correspondência entre as necessidades do presente e o passado redimido. A história, como um leque de variações entre as estruturas de opressão, conta com a fase mais recente deste processo: a reciclagem e recirculação da mercadoria, que confronta o passado morto com o futuro e seu projeto emancipatório. O pesadelo da história se apresenta

com instrumentos contaminados pela própria história, cuja transformação só é possível com a reutilização desses produtos e suas marcas vivas da brutalidade.

A descoberta do inconsciente freudiano incorpora essa lógica “estética”, condensando e deslocando imagens que compõem a vida cotidiana, detonando descargas profundas que desmascaram o sujeito como fissurado e inacabado. O corpo nunca está à vontade dentro da linguagem, carregando cicatrizes irrecuperáveis da ordem simbólica, valendo-se da estética para compensar os sofrimentos da existência. Recordar os terrores do passado é o que permite o processo de reciclagem do presente, tornando a narrativa revisada do passado – a cena analítica – como prática emancipatória (FREUD, 1937).

Somente uma obra de arte fragmentada, que se recuse às tentações da estética, cavando no meio das ruínas novos significados e redimindo sua multiplicidade de usos, pode ler a história a contrapelo e reinterpretá-la. Objetos retirados do seu contexto podem se tornar independentes, traçando estranhas correspondências e produzindo uma torção dialética capaz de expor a totalidade de contradições e produzir unidade com outras formas. A fascinação de Benjamin pelos detritos da história – o excluído, o desviante e o abandonado – é o corretivo das ideologias totalizantes, como resposta política que a arte é capaz de promover.

A política revolucionária de Benjamin é estética, subvertendo todas as categorias da estética tradicional – beleza, harmonia, totalidade, aparência – descobrindo na estrutura da mercadoria novas correspondências, fazendo-a funcionar como dado intuitivo desarticulado e reconstruído pelo trabalho do conceito. Promovendo uma conjunção entre o novo e o arcaico, entre as memórias marcadas pela divisão de classes e o futuro melancolicamente marcado pelo passado. Em Benjamin a arte se aproxima do lixo para praticar o ritual de reminiscência, ressuscitando objetos e narrativas manchados pela opressão, como estratégia para revelar o presente político e quebrar sua continuidade vazia, despertando fragmentos da tradição dos oprimidos. Ao ir em busca de si mesmo e seus restos o homem reinventa sua história, transformando os discursos e flexibilizando a arrogância do poder (BENJAMIN, 1994).

³² O “catador benjaminiano” é uma expressão usada por Pereira (2007) para se referir aos catadores que se enquadram na lógica benjaminiana de construção da história a partir dos restos.

2.2. A experiência estética dos catadores de arte

As intersecções da arte com o lixo desvelam potenciais, inventando novas formas de presença no mundo a partir de novos atores sociais: os catadores de arte. Cujas potência política desperta um surpreendente processo de subjetivação, que opera como forma de resistência à dominação capitalista. A serviço da sobrevivência, o gesto de catação constrói uma estética que se alimenta da criatividade, sustenta o imaginário e produz visibilidade a grupos sociais historicamente marginalizados.

Da mesma forma que o artista sustenta uma posição de autoria frente à sua obra, o catador é desafiado a elaborar os restos rejeitados, reciclados e ressignificados, produzindo uma estética marcada pela singularidade. Que se confunde com seu próprio corpo, rejeitado e alienado, submetido à uma atividade que escapa ao mecânico e exige reconhecimento social, pelo papel relevante prestado à comunidade. Os catadores vivem e se organizam em torno das sobras, construindo práticas de resistência diária.

Na selva de pedra das grandes cidades, garimpeiros urbanos, os catadores de arte, expõem objetos raros e inusitados nas calçadas e feiras livres, com uma estética original e com características singulares. Nos tradicionais bairros da Zona Sul e Centro do Rio de Janeiro encontramos o famoso *shopping-chão*³³, onde objetos como obras de arte, utensílios diversos, eletrodomésticos, roupas e sapatos são comercializados de forma aleatória e reinseridos no ciclo de vida útil, na contramão da indústria de produção em massa. Transformando o lixo em riqueza e fonte de sobrevivência, fazendo do cotidiano a fonte central de busca do esquecido, do rejeitado, dos descaminhos reinventados no ato de reciclar.³⁴

³³ O termo “Shopping chão” é usado para designar o comércio informal de lixo que acontece nas calçadas do centro da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/shopping-chao-os-garimpeiros-da-selva-de-pedra/>> Acesso em: 02/11/2022

³⁴ Disponível em: <https://www.anf.org.br/shopping-chao-os-garimpeiros-da-selva-de-pedra/> Acesso em: 12/04/2022

FIGURA 12: O chamado "Shopping-Chão" na Lapa.



Fonte: Journals Openedition

O “*shopping-chão*” acontece com maior visibilidade às margens da Feira de Antiguidades da Praça XV, no centro da cidade do Rio de Janeiro, todos os sábados, desde 1976. Nas barracas da feira é possível encontrar antiguidades e itens de colecionadores de diversas épocas e estilos³⁵, enquanto no chão são expostas de forma desordenada objetos das mais variadas fontes e qualidade. Com o projeto urbanístico de revitalização da região portuária e derrubada do viaduto, a feira, anteriormente localizada sob o viaduto que ligava a Avenida Presidente Vargas ao Aterro do Flamengo, foi deslocada para o centro da praça, alterando a geografia do espaço. O transtorno causado pelas obras destruiu o abrigo proporcionado pelo viaduto, obrigando a feira a se redimensionar de acordo com a nova disposição espacial. Os limites sociais, com suas distinções e hierarquias, permaneceram entre as barracas e o chão, prejudicado pela ausência da sombra e a exposição às variações do clima.

Uma escala hierárquica determina o valor das peças, entre o antiquário que detém conhecimento sobre o produto exposto em barracas e o trabalho duro do garimpo, que realiza a atividade de coleta e descoberta de objetos em meio ao lixo, com status de mercadoria inferior e vendidos no chão. Objetos de menor valor, tratados como cacarecos, quinquilharias, menosprezados, sujos e sem real valia, tornam-se alvo de compradores especializados que percorrem o *shopping-chão* em busca de peças raras, como joias brutas prontas para serem polidas pelo conhecimento acerca da sua procedência.

Alguns garimpeiros são contratados por feirantes para fornecer peças, absorvendo a lógica produzida pela experiência e indo em busca do próprio mercado, construindo signos que transformam objetos sem valor em peças que dialogam com antiquários e compradores. O

shopping-chão, apesar de fazer parte das feiras oficiais, não se caracteriza como evento fixo, circulando em vários pontos da cidade como prática móvel e dinâmica, de gestão própria e exposta à perseguição da fiscalização pública, subvertendo estatutos e valores conferidos às feiras oficiais.

A singularidade dessa prática está no percurso desenhado, resistente às políticas de ordenação, produzindo novas relações entre os objetos e os espaços urbanos. O percurso realizado pelos objetos desde o descarte até a comercialização possui especificidades que permitem traçar uma biografia cultural dos objetos, percebendo suas fases da vida, com gradações, superposições e registros de classificação de uma determinada sociedade, destacando sua circulação e variações do seu status social (EVANGELISTA, 2014).

Este fenômeno social também nos permite uma análise da cultura e seus sintomas, tensionando os atravessamentos entre o sujeito e os objetos que o cercam, construindo interlocuções com diferentes campos do saber. A partir dos restos interrogamos sobre as relações sociais e suas temporalidades, com suas inúmeras vivências e narrativas. Sustentando um tempo mais distendido e abrindo a possibilidade para a criação de novos sentidos e novas relações de troca. Na poesia de Baudelaire (apud BENJAMIM, 1991), a figura do catador surge como “trapeiros”, a escória da sociedade, crescendo em grande número junto ao poeta, à prostituta e outros marginalizados, que de maneira solitária se apossam dos dejetos da sociedade para realizar seu trabalho. Uma espécie de herói urbano adequado ao fazer poético, que se utiliza dos rejeitos como matéria prima de sua poesia. Em ambos tudo aquilo que foi destruído, que não possui importância nem valor para a sociedade se transforma em atividade diária. Aqui temos um homem que

... tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o cafarnaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avaro com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis. (BENJAMIN, 1991, p.78)

³⁵ Disponível em: <https://bafafa.com.br/mais-coisas/compras/feira-de-antiguidades-da-praca-xv> Acesso em

O passo do catador pela cidade é aquele que se detém para recolher o lixo no qual tropeça, como a metáfora da narração e da rememoração que, para além da sobrevivência, revela o desejo de não deixar os restos perderem-se. Um percurso subjetivo que recolhe o que a cidade destrói ou abandona à insignificância, como parte da história. O contexto de rememoração da vivência do catador é marcado pela negação da experiência, pela fragilidade e quase impossibilidade de transmissão da lembrança, recuperada e refeita nas ruínas do lixo que recolhe.

Essa reconstrução tem como base os rastros deixados pelo passado, que inscreve na lembrança uma presença que não mais existe, fazendo referência ao inenarrável, ao apagamento da existência daqueles que ninguém mais lembra os nomes. Abrindo a rememoração para os buracos, cuja transmissão se torna aleatória, como fruto do acaso, da negligência e até da violência. Denunciando uma presença ausente, fora de toda intenção de significar.

Rastros materiais e simbólicos daqueles que não têm monumentos e vivem da transitoriedade alimentam a memória urbana, de forma individual e coletiva, na experiência dos bairros e suas transformações, marcadas pela vulnerabilidade social e econômica de sua população. Onde a ausência da memória é substituída pelo desterro e pelo nomadismo que constrói um frágil sentido de lugar (PEREIRA, 2007).

Para Benjamin (1987), a dinâmica violenta do espaço torna a cidade habitada em terra estrangeira e seu habitante um apátrida, tornando-se um estrangeiro sem nunca ter ultrapassado as fronteiras da cidade. São as mudanças na estrutura da experiência, como golpes políticos e guerras, que promovem o enfraquecimento da vida coletiva, modificando as estruturas da memória e da narrativa. É sobre os restos que o catador se reconstrói e em torno deles habita. Reinventando, no meio dos escombros, a sua própria história.

2.3 O Museu do Lixo e a estética da memória

A possibilidade de rememoração também está presente no modelo burguês colecionador e no catador-poeta de Baudelaire (BENJAMIN, 1991). O homem burguês coleciona no interior do lar objetos pessoais, libertando-os do seu caráter pessoal e possuindo-os. Construindo um mundo de intimidade e familiaridade, onde as memórias particulares e o apego à lembrança promovem um modo diferente de consumo, atribuindo à atividade de guardar e colecionar objetos mais significado do que utilidade.

Molduras do passado constroem obras do presente, onde o caráter nostálgico e

saudosista do objeto alimenta a memória e impede o descarte. Objetos ordinários abrigam o testemunho do tempo, ultrapassando uma visão consumista e produzindo um elo social em torno do mundo sensível e suas formas de manifestação cultural. Fenômeno que se incorpora ao campo dos museus e seus acervos, com diferentes temas, singulares e universais ao mesmo tempo, com criatividade. Transformando espaços e provocando reflexões em diferentes contextos e períodos históricos.

Tanto os museus quanto as coleções particulares partilham conjuntos de objetos naturais ou artificiais, preservados fora da circulação econômica, expostos de forma protegida. A origem do museu vincula-se ao costume de colocar, junto aos falecidos, objetos como obras de arte, joias, armas, tapeçarias, instrumentos musicais, entre outros, como parte das coleções funerárias. Os egípcios, que primavam pela manutenção do corpo após a morte, os mantinham em lugar seguro e livre de possíveis invasores, juntamente com seus mobiliários sagrados.

A ideia de museu tinha por objetivo manter na memória a recordação dos heróis e seus feitos, como um antídoto ao esquecimento e fonte de imortalidade. De igual modo os templos eram lugares de pesquisa e fluxo criativo das artes, com objetos protegidos e obras expostas para agradar as divindades, cuja crença tornou o museu um espaço sagrado da memória, um depositário do passado eleito, selecionado e construído, servindo como guia útil para compreensão do presente e do futuro.

Na Europa Medieval os grandes colecionadores eram os senhores de guerra e a Corte, onde estavam presentes anéis, cintos, cálices e facas, exibidos junto aos cortejos fúnebres dos homens de poder. Os grandes descobrimentos deram origem a objetos como enciclopédias e achados arqueológicos de terras distantes, objetos do reino animal, vegetal e mineral, além de instrumentos científicos. Com a Revolução Francesa houve um esforço para a criação de coleções de arte e arquitetura, capaz de construir uma identidade de nação, com preservação e legitimação do Estado. Os símbolos públicos nacionais serviam de recurso estético para a construção de uma determinada visão de mundo, construindo a história através de um processo acumulativo de objetos que alimentavam o imaginário (LUNA, 2018).

A história se constrói com objetos, criando narrativas de continuidade dentro da descontinuidade, a lógica dentro do caos, exigindo classificação e ordenação. A ideia de catalogar, classificar e descrever estabeleceu práticas de distinção entre as culturas, definindo parâmetros para o desenvolvimento da ciência, na política e na história. Benjamin (1989) afirmava que os museus eram espaços de peregrinação da mercadoria como fetiche, com duplo processo de alienação, do produtor e do consumidor, obrigando o visitante a criar uma distância do processo real para incorporar uma imagem imposta.

Com o processo de colonização e industrialização, os museus tornaram-se espaços de honraria, onde as relíquias constituíram os objetos e as manifestações. A sacralidade se faz presente nos gestos e ritos de distinção, nos hábitos e gostos que renderam glórias às antiguidades e aos referenciais que distinguiam classes sociais. Os museus se configuram como guardiões do tempo e suas memórias seletivas, elitistas e segregacionistas.

Para além das divisões de classe social, a função do museu é preservar e inventar a existência de um possível vivido, interrogando o presente e imaginando a direção das mudanças, como depositário do passado, selecionado e construído, que serve de guia para o presente e o futuro. Sendo transformados em patrimônio histórico e legitimados pelo Estado, como um conjunto de símbolos sagrados que encarnam valores e utilizam recursos estéticos, transmitindo uma visão de mundo singular e ao mesmo tempo universal. Objetos que estimulam a imaginação são fundamentais na criação dos museus, pensando a lógica e definindo verdades, montando simulacros dos modos de vida e comportamentos.

Desde o século XVIII uma pulverização de museus em diversas especialidades, incorporam temáticas como ciência, tecnologia e outras abordagens, que vão do teatro da memória ao laboratório da história, conectadas à ideia de propriedade e preservação e se configurando como guardiões da memória. Com o passar do tempo eles vêm se transformando em espaços de experimentação cultural que interroga o presente, onde a estética permite a interpretação através dos objetos em diferentes camadas sociais, ultrapassando a noção do belo e abrindo um campo de reflexões científicas, políticas e poéticas.

Entre essas temáticas encontramos recentemente o Museu do Lixo (LUNA, 2018), cuja proposta expande as representações da história e memória de populações marginalizadas, rompendo com as tradições da história oficial. No Brasil, quatro museus são incorporados às unidades de tratamento de recicláveis, onde acontecem circuitos educativos, nas cidades de Belo Horizonte (MG), Campo Magro, Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e São José dos Campos (SP) (LUNA, 2018).

No bairro da Cidade Industrial de Curitiba, o projeto contou com a iniciativa promovida pelo catador Dirceu da Silva³⁶, da Associação de Catadores da Vila Corbélia, no bairro Cidade Industrial de Curitiba. Em cinco anos 1,2 mil objetos passaram a fazer parte do acervo que, segundo o colecionador, já tiveram valor afetivo para muitas pessoas, até virarem lixo.

Jogar tudo isso fora é desperdiçar uma história. E eu não quero que essas histórias tenham fim. Quero que as crianças saibam como eram as coisas antigamente. Hoje em dia tudo está modernizado. Os objetos de antigamente tinham volume, cores e muita criatividade (Dirceu da Silva).

Televisões, câmeras fotográficas, discos de vinil, ferros de passar e aparelhos de telefone são apenas alguns dos itens que fazem parte do acervo do museu montado por Dirceu.

FIGURA 13: Homem monta museu com mais de mil peças descartadas no lixo em Curitiba



Fonte: site G1 Globo.com

“Tem muita coisa que as crianças não conhecem. E daqui a alguns anos, tem coisas que nem a gente mais vai conhecer. Então, se ninguém guardar, some do mapa. Toda vez que alguém achar que não tem mais valor, para nós vai ter. Nós vamos resgatar e guardar para quem sabe, trazer alegria para outras pessoas com o que um dia já foi lixo” (Dirceu da Silva).

É o lixo no sentido estético que permite ao objeto novas significações e valor museológico, com suas trajetórias e histórias. São os critérios de antiguidade, raridade, excentricidade, com peças que guardam memórias e diversas atribuições simbólicas, compondo os acervos e transformando objetos em peças de arte. É a organização do caos sob a forma de registros arbitrários e abstratos, que valorizam a identificação e o pertencimento, incorporando experiências alheias à do observador. Permitindo a problematização dos objetos e suas atribuições, através de fluxos e imagens que expressam a materialidade da cultura de diferentes grupos.

³⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/09/13/homem-monta-museu-com-mais-de-mil-pecas-descartadas-no-lixo-em-curitiba-assista-ao-video.ghtml>. Acesso em 24/06/2022

2.4 - Do luxo ao lixo: a estética do cotidiano

De que modo os objetos interferem nas relações sociopolíticas, construindo e destruindo subjetividades, envolvendo tecituras entre o popular e o erudito, entre o luxo e o lixo, através de conexões e dinâmicas são as questões que interessam ao discurso sobre a ideologia. O consumo, que tem como lógica a incessante substituição de objetos, transforma o prazer produzido pela experiência estética efêmero e descartável. O artista, capturado pelo modelo capitalista, passa a aplacar a angústia do consumidor com uma substituição ininterrupta de sensações e objetos ditados pela publicidade, atendendo aos apelos da velocidade consumista.

Tudo está submetido à velocidade supersônica e à simultaneidade cibernética, entre prazeres instantâneos e descartáveis, guiados pelas cartilhas do marketing e da propaganda, indutores de interesses e necessidades, onde a imaginação e o desejo têm prazo de validade. A experiência estética é constituída pela velocidade, tornando o descartável como parte da lógica de produção e consumo, substituindo a perspectiva da durabilidade pela promessa permanente do novo.

O museu, na contramão da lógica de consumo, preserva os objetos do descarte, como alvo de contemplação vagarosa e desinteressada. No entanto, a assumida precariedade física de muitas obras e o caráter presencial das performances obrigam o museu a repensar seus espaços, apoiando-se no ciberespaço, onde o simulacro promove a perenidade da obra, que transforma o conhecimento em um bem de consumo, descartável como todos os outros. A própria feitura da arte é um convite à decomposição e impermanência.

Não é mais a arte como objeto privilegiado da estética que está em jogo, mas os modos de produção e a transmissão da experiência estética provocada por qualquer objeto ou processo criativo, seja no museu ou na pulsação das ruas. O caráter transcendental da arte se vê comprometido pelo acelerado processo de produção e consumo, retirando dela seu caráter inacessível e promovendo sua interação com o cotidiano. Ao mesmo tempo em que o mercado sustenta a massificação de produtos, alimenta o fetiche do objeto único, restringindo o consumo e marcando a distinção social pela posse. A arte torna-se fetiche das elites, como mercadoria de luxo que produz prestígio e distinção (MEDEIROS, 2018).

O pensamento subversivo, que abre fendas na realidade e possibilita experiências disruptivas sustenta-se na contramão da lógica do mercado, refletindo sobre os enigmas contidos no conceito de estética e suas formas de expressão, circulando entre o útil e o belo, entre a realidade concreta e a subjetividade. Uma luta incessante de não submissão da

imaginação à servidão se utiliza da arte como arma criativa de movimentação perturbadora, servindo como ferramenta na luta de classes.

Em nossa sociedade as manifestações artísticas se fundem na mestiçagem, apresentando um cenário diversificado e com capacidade de resistência ao capitalismo. Uma relação que se mantém em bases sociais de profundas desigualdades, onde índios e negros carregam na pele a pecha de marginais, mantendo o estilo de sua produção cultural como expressão para o sofrimento. Darcy Ribeiro (1995), com sua lente histórico-antropológica, constrói imageticamente uma cultura estética feita de retalhos, usando como exemplo a uma mulher (índia) que “... tecia uma rede ou trançava um cesto com a perfeição de que era capaz, pelo gosto de expressar-se em sua obra, como um fruto maduro de sua ingente vontade de beleza”.

Em um dos cruzamentos de ruas estreitas da cidade do Rio de Janeiro em um ano qualquer, um evento do cotidiano³⁷ reflete a fusão conflituosa dessa mestiçagem, promovendo a diluição das fronteiras da arte e rompendo com os padrões estéticos impostos pela academia. Uma galeria de arte cercada de mestres e discípulos exibia um vernissage em grande estilo: quase todos brancos e com seus nomes consagrados no mercado das artes, discutiam o teor do trabalho apresentado, cercados por ambulantes, quase todos negros, que assistiam de longe enquanto movimentavam seu comércio de bebidas enlatadas.

Uma performance no meio da rua ocupa o momento auge do vernissage, com um parangolé suspenso cercado um invisível vaso sanitário, onde as pessoas subiam, diziam improperios incompreensíveis e depois mijavam. As ruas se amontoaram de gentes misturadas para assistir ao espetáculo, quando foram surpreendidos por gritos que vinham de longe, obrigando uma dispersão às pressas e quase atropelada, mas surpreendentemente mágica.

Um homem negro, alto e de ombros largos, carregando um enorme “burro semrabo”³⁸, caminhava em ritmo acelerado na esquina ocupada, atravessando o cruzamento com a repetida frase que recitava à distância, interrompendo bruscamente a performance e deixando as ruas livres para sua inesquecível passagem. Alguns segundos de respiração até que todos pudessem se dar conta de que aquela tinha sido a verdadeira performance.

O negro catador de lixo nos grandes centros urbanos, na contramão do capitalismo e em plena luta de classes, exhibe uma estética de coragem, mostrando que rua também é lugar de trabalho e arte. Trabalho que foi reconhecido e valorizado nos recentes governos sociais que

³⁷ Esta cena faz parte de uma vernissage em um cruzamento nas estreitas ruas da cidade, cujos dados envolvendo nomes e datas foram propositalmente preservados.

³⁸ <https://www.dicionarioinformal.com.br/burro+sem+rabo/>

deixaram saudades. Trabalho que confunde luta com arte. E que, com Lula e suas políticas públicas³⁹, adquire consciência de classe.

A possibilidade de encontro, mesmo que momentâneo, entre o trabalho intelectual (que inclui a arte) e o trabalho físico, rompe com a separação classista e adquire, com a estética, uma perspectiva revolucionária. Expressividades artísticas acompanhadas de fenômenos sociais produzem convulsões e rupturas com a normalidade, democratizando o acesso à arte. Frente à escalada da barbárie, fica cada vez mais evidente a importância da arte para atravessar o penoso cotidiano, privado da liberdade expressiva e combatente.

As mazelas cotidianas, que priorizam os interesses das classes dominantes com imposição de formas estéticas, entram em choque com ferramentas que criam suas próprias leis e subvertem a ordem, colocando em risco a dominação crítica da arte pelo capital. Com uma visão inconformada da existência através da exploração complexa das relações produtivas, os catadores de arte inserem no seu cotidiano, a arte na luta de classes.

³⁹ <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/notas-e-declaracoes/analise-de-conjuntura-do-mncr-2018-2019>

Capítulo 3

Lixo, Arte e o desafio das políticas públicas

O reconhecimento do direito à cultura faz parte dos direitos humanos, tornando as políticas culturais um importante instrumento de democratização. Em um mundo marcado por períodos de tensão e constantemente ameaçado por governos autoritários e desumanos, a cultura opera como um instrumento de resgate da humanidade pela via da convivência pacífica e harmoniosa diante da diversidade.

As mudanças na vida cultural refletem as orientações políticas e ideológicas, cujos processos regulatórios mudam de acordo com os interesses das classes dominantes, capazes de implementar ou ignorar o reconhecimento legal dos direitos e sua implementação por meio de processos regulatórios. No Brasil é nítida a constatação das questões sócio-políticas atravessando os processos artísticos, pela via da censura ou do corte de verbas para a produção de conteúdo, tal como pudemos observar nos últimos tempos.

Em decorrência dessas políticas, o ambiente sócio cultural é constantemente ameaçado pela violência material, desvinculando a sensibilidade do trabalho braçal, promovendo a alienação e reduzindo o acesso do trabalhador aos bens culturais. A luta pelo controle da sensibilidade segue na contramão da produção associada ao gesto mecânico e do consumo à mera necessidade, reconhecendo o acesso à cultura como um direito inalienável.

Entre as atividades laborais que sofre o risco de alienação encontramos os catadores de material reciclado, cujo gesto de garimpagem e reinserção dos restos nas relações de troca exige, além do esforço físico, uma boa dose de criatividade. As políticas públicas voltadas para o setor, para além das necessidades materiais, devem ter em mente a exploração das capacidades artísticas, promovendo uma articulação ético-política que ultrapasse o drama ambiental e seja marcado pela subjetividade.

Já é possível verificar iniciativas do movimento que incluem no seu dia a dia o diálogo com diferentes setores da sociedade, estabelecendo parcerias com artistas, empresas e entidades públicas. Tais iniciativas, contudo, são pontuais e não atingem a totalidade do movimento, mantendo uma parcela significativa distante de ações permanentes de valorização da criatividade.

3.1. Arte e cultura como direito

As primeiras elaborações em torno das políticas culturais remontam da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 AIII) em 10 de dezembro de 1948⁴⁰. Em seu artigo 13, a lei de alcance universal diz que “Toda pessoa tem o direito de participar da vida cultural da comunidade, de desfrutar das artes e de participar dos benefícios resultantes do progresso intelectual”, transformando a cultura em um conceito sujeito a revisões ao longo da história.

Os processos conflituosos do pós-guerra demandaram políticas que dessem conta da superação das diferenças, num mundo marcado pelo colonialismo em tensão. As políticas culturais surgem com o objetivo de pacificar a diferença pela diversidade e sua dimensão democratizante, definindo a noção de direitos culturais e inserindo a cultura no jogo político. No Brasil, a criação do Ministério da Cultura em 1985, e a Constituinte de 1987-1988, marcam o campo institucional da cultura e seus vínculos com a administração pública (DIAS, 2022).

De 1985 até os dias atuais, a pluralidade do espectro político partidário que já comandou o Ministério da Cultura fez com que a orientação político-ideológica das ações sofresse modificações. Com a consolidação do pensamento neoliberal no Brasil, o papel do Estado na área da cultura foi de disciplinador, com a captação de recursos do setor privado através da Lei Rouanet, reformada em 1991, com a Lei Sarney. Foi na passagem de Gilberto Gil (2003-2008), durante a presidência de Lula, que uma série de políticas públicas na área da cultura atribuiu protagonismo ao papel do Estado, com fomentos e processos regulatórios, que contribuíram para o desenvolvimento do setor (PRADO, 2022).

O tema passa a ser discutido como questão nacional, em um cenário no qual a atuação do Estado para suprir as necessidades culturais passa a ser naturalizada. Foi em março de 2009 que um novo procedimento especial do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas decidiu criar o “perito independente na área de direitos culturais” com atribuição de preparar relatórios temáticos, realizar visitas a diferentes países e receber denúncias sobre violações de direitos. O primeiro país visitado oficialmente foi o Brasil, de 8 a 19 de novembro de 2010, com recomendações, medidas corretivas e reconhecimento de boas práticas, tais como a implementação da lei nº 10.639/2003⁴¹, que introduz o estudo obrigatório de história geral da África, contribuindo para o direito à diversidade cultural e para o gozo dos direitos culturais.

⁴⁰Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 05/11/2022.

⁴¹Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 21/12/2021.

O reconhecimento legal dos direitos, no entanto, não garante a permanente efetividade da sua execução, mantendo um hiato entre o texto legal e o mundo dos fatos. Isso justifica a razão pela qual os governos petistas, no lugar de criar novos direitos, lutou pela garantia dos já existentes, com as Emendas Constitucionais 48/2005 (Plano Nacional de Cultura)⁴² e 71/2012 (Sistema Nacional de Cultura)⁴³, além de somar recursos dos poderes públicos para a sua execução. Produzindo instrumentos que assegurassem a sua efetivação e revelando a natureza política do direito cultural como o ponto central desta discussão.

O direito à identidade cultural não pode entrar em conflito com os direitos humanos, como os relativos à vida, à dignidade, ao meio ambiente ou à incolumidade física, devendo ser harmonizados e coordenados, exigindo uma interpretação dinâmica dessa relação. Adquirindo importância no discurso intercultural, no sentido de pertencimento, associando afetos ligados ao patrimônio cultural por diferentes gerações. No Brasil, o esforço para a criação de espaços de memória coletiva ainda sofre restrições de ordem política, adiando o resgate de fatos ocorridos, especialmente os ligados à violação dos direitos humanos durante o período da ditadura militar.

Em 18 de novembro de 2011 foi instituída por lei (Lei 12.528)⁴⁴, com o objetivo de esclarecer as graves violações dos direitos humanos praticadas pelo Estado Brasileiro, inserindo as comissões da verdade em um espaço de conflito e disputa entre um passado violento e um presente democrático. A lei visava a busca da verdade, a realização da justiça, a investigação e punição dos responsáveis pelos crimes, a reparação das vítimas e a realização de reformas institucionais. Um novo contexto de repetição da violência do Estado revela uma ponte entre o presente e o passado, com suas inúmeras rupturas institucionais, cujas origens no colonialismo escravocrata precisam ser constantemente revisitadas (SCHTTINI, 2022).

De igual modo, questionamentos sobre a necessidade da existência do Ministério da Cultura fazem parte da nossa história, em diferentes períodos. A primeira ameaça veio do governo Collor (1990-1992) com uma medida provisória que transformou o MinC em Secretaria Especial, revertida com o *impeachment* e a posse de Itamar Franco. A segunda ameaça veio do governo Michel Temer (2016-2018), que tentou incorporar o Minc ao Ministério da Educação, sendo a medida revertida por pressão popular. As mobilizações não

⁴² Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2005/emendaconstitucional-48-10-agosto-2005-538120-norma-pl.html> Acesso em: 22/12/2021.

⁴³ Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1033526/emenda-constitucional-71-12> Acesso em: 22/12/2021.

⁴⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm Acesso em 12/11/2022.

tiveram força no governo Bolsonaro, e o Ministério da Cultura foi rebaixado ao status de Secretaria Especial de Cultura, vinculada primeiro ao Ministério da Cidadania e atualmente ao Ministério do Turismo.

Em tempos de escuridão das práticas políticas, como atravessamos no Brasil atual, a cultura sofre com mais do que qualquer outra política pública, com corte de recursos financeiros e institucionais. As políticas culturais passam a ser colonizadas por discursos obscurantistas, carregando significantes que a humanidade já aprendeu a desprezar, como símbolos nazistas, supremacismo branco, machismo, homofobia e racismo. Cortes orçamentários e reformas legislativas revelam um quadro grave, com uma gestão autoritária e sem capacidade de diálogo.

O governo Bolsonaro (2019-2022) declarou greve à cultura, com um projeto da extrema direita que abomina a singularidade, rejeitando a herança africana e a contribuição dos povos indígenas, impondo uma visão colonizada, pobre, ignorante, medíocre e rasa de cultura. Rejeitando a modernidade e tudo o que é contemporâneo, apostando numa guerra cultural que, segundo esse pensamento, está contaminada pelo marxismo, com ameaças de filtro ideológico ao cinema nacional e demais projetos.

Três perdas de impacto nacional estão relacionadas à extinção do Ministério: a perda da autonomia na gestão dos recursos, que passa a depender de setores que não pertencem à área da cultura; a perda de diálogo com o governo federal e a perda de prestígio externo, sem uma representação nas questões relacionadas ao setor, com ausência de simbolismo, capacidade de agir e se manifestar, tornando a atual gestão a pior desde a criação do Ministério (MOREIRA & SPADA, 2022).

Em meio à pandemia trabalhadores da cultura promoveram uma grande mobilização nacional para a aprovação das Leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo, que obtiveram maioria na Câmara e no Senado e foram vetadas pelo governo Bolsonaro. A derrubada do veto garantiu a manutenção dos instrumentos legais de fomento à cultura, desafio que se inicia com a transição do governo e aprovação do orçamento para o ano de 2023.

A cultura brasileira tem na recente vitória de Lula, em 30 de novembro de 2022, a abertura de novas perspectivas e possibilidades para o setor cultural. Ao longo da campanha, o ex-presidente destacou a importância estratégica da cultura para o país, que saiu dividido das urnas e precisa encontrar o caminho da paz. A cultura brasileira, tão agredida ao longo dos anos, pode ser a linha que permite tecer o fio dessa teia de reconstrução nacional, com a promessa de recriação do Ministério da Cultura e incentivos ao setor (SANTINI, 2022).

3.2 Cidadania, arte e subjetividade

Diferente dos animais, os homens instauram na natureza processos regulares próprios, distintos dos naturais. Os processos naturais, segundo Lukács (1966), são recobertos por uma camada subjetiva, submetendo a atividade humana a diferentes emoções que potencializam o resultado da atividade. Trata-se de um movimento marcado pela historicidade concreta, tracejadas por relações contraditórias e atravessadas pela violência da dominação material da luta de classes. O apelo estético permite o processo de humanização, ampliando a capacidade de domínio sobre o próprio eu.

As questões sociais atravessam os processos artísticos, promovendo mudanças na realidade e abrindo perspectivas para além da massificação produzida pelo capital e pelas ideologias dominantes. O homem não cria porque quer ou gosta, mas porque necessita ordenar e dar forma aos objetos para o seu desenvolvimento, dependendo de um ambiente facilitador para concretizar e desenvolver suas potencialidades. A capacidade de criar, que tem início no brincar, toca na sensibilidade e na emoção, humanizando as relações sociais. Além de descarregar a tensão psíquica, o ato de criar é potência renovadora, um canal aberto para novas sensações, operando como um instrumento de emancipação social (WINNICOTT, 1983).

Coube a Marx, a partir de 1844, retomar o debate que reabilita os sentidos da história humana, lançando as bases da historicização da sensibilidade. Reconhecendo a estética como fundamento essencial do conhecimento humano, vendo nela o princípio educativo para o nascimento das artes. Marx reconhece no esteticismo burguês e no capitalismo – hostil ao desenvolvimento da capacidade criativa – as duas faces da mesma moeda, onde a atividade intelectual e material são destinadas a indivíduos diferentes (MARX; ENGELS, 2002).

Para Marx o processo de humanização se faz pelo trabalho, incluindo a ideia de que o trabalho é também um movimento estético. Assim como a razão não pode ser reduzida à uma mera abstração lógica, a sensibilidade não deve ser tratada como um fenômeno desprovido de materialidade. Ao humanizar a natureza por meio do trabalho, os sentidos e o pensamento se enriquecem, se apropriando do objeto como manifestação da realidade humana. A força dessa ideia indica a força revolucionária da estética, onde a história é resultado do esforço humano e a utilização dos sentidos (MARX; ENGELS, 1979).

A história, como resultado do esforço do corpo humano, tem na sensibilidade o constituinte inaugural do conhecimento, em especial o artístico, promovendo a percepção

sensorial. O desenvolvimento da riqueza do homem é também dos sentidos subjetivos, capazes de promover prazeres e vincular o conhecimento artístico à consciência teórica. Na medida em que a plenitude sensível se reduz ao suprimento das necessidades elementares, ocorre o processo de alienação em relação ao produto e a força de trabalho que ignora a criatividade. Limitados pela força da monotonia, anestesiado pela repetição e devastado pela necessidade da sobrevivência, o indivíduo se encontra limitado em sua existência sensorial e sujeito às práticas vulgares, num ambiente capitalista hostil à criatividade (MARX; ENGELS, 1979).

Embora o ambiente capitalista seja refratário ao campo do sensível, a indústria do entretenimento tem fornecido instrumentos de inclusão da classe trabalhadora nas atividades artísticas, com diferentes gêneros oriundos do mundo do trabalho e das classes populares. A teoria marxista, diante desse cenário, não perde de vista a luta pelo controle da sensibilidade e recuperação dos poderes, bem como o esforço humano para superá-las (MARX; ENGELS, 2002). A superação da dualidade entre o prático e o estético é tanto um produto histórico como uma prática social, podendo ser reconhecido nas expressões artísticas formadoras do ser humano. A estética é a força que está na base da humanidade moral, capaz de reformar a cultura e revolucionar a subjetividade, só podendo florescer a partir da transformação política (EAGLETON, 1993).

3.3. As políticas públicas e os catadores de arte

O desafio em torno da apropriação do conhecimento estético pelo trabalhador promove embates no campo simbólico, resistindo às ofensivas do capital. Neste contexto, incluir a atividade laboral de catação de lixo nesse campo de lutas, tratando-o do ponto de vista estético, nos permite pensar as bases históricas desta produção, no interior das quais encontram-se manifestações criativas pouco reconhecidas, incentivadas e exploradas. A capacidade de comercializar uma variedade de bens descartados revela uma potência criativa, colocando em evidência a forma particular como uma parcela dos catadores se expressa neste processo de seleção e comercialização dos restos, como parte da sua luta diária por sobrevivência.

A diversidade de mercadorias composta de objetos descartados traz no seu conteúdo representações de resistência, luta e desejo de preservação dos traços da vida cotidiana, dignos de serem inseridos no campo das relações de troca. Expostos de forma aleatória nas calçadas da cidade, os objetos chamam a atenção pela sua diversidade e autenticidade, despertando

desejo e curiosidade, suscitando questões acerca do consumo e sua utilidade. Indicadores de conteúdos que fogem à mesmice do mercado e suas formas de dominação, tomando nas mãos as rédeas de um consumo alternativo na construção de novas relações de troca.

A importância de políticas públicas específicas para esse grupo de trabalhadores envolve, para além das necessidades materiais, a humanização dessas atividades, explorando a fecundidade dos processos, com suas capacidades estéticas e artísticas. É no processo de exposição e interação com a comunidade que é possível pensar a produção de uma cultura vinculada ao desenvolvimento emocional e emancipação social. O diálogo entre diferentes grupos sociais – expositores e consumidores – produz novos vínculos, com círculos de reciprocidade e reconhecimento da diferença que humaniza, no lugar da desigualdade que descaracteriza.

A mediação entre a subjetividade individual e coletiva é o desafio entre a singularidade e a universalidade, numa articulação ético-política dos registros ecológicos, e as relações sociais. Na busca dessa interação, Guattari (1990) cria o conceito de ecosofia, que reorienta os objetivos da produção de bens materiais e imateriais, das forças visíveis e os domínios da sensibilidade, da inteligência e do desejo, onde a oposição entre operariado e burguesia é substituída pela interação entre as singularidades e o meio ambiente. Para Guattari a natureza não pode ser dissociada da cultura, é preciso desenvolver um pensamento transversal para entender as relações que regem o macrocosmo planetário e o microcosmo dos indivíduos.

O desenvolvimento do potencial criativo depende de um ambiente propício, capaz de integrar atividades culturais, sociais e políticas, permitindo que a identidade se construa através desse conjunto de elementos complementares, ampliando as ações e facilitando a construção do desejo e da imaginação. O processo de destruição do meio ambiente afeta as relações com a cultura, reduzindo as possibilidades de troca, de circulação e exploração da vida em suas diferentes formas de manifestação. Os espaços de convivência se veem constantemente ameaçados pela especulação imobiliária, atingindo ambientes destinados a atividades culturais, sendo as grandes cidades o principal alvo deste processo de destruição, consolidando o padrão periférico de crescimento urbano (KOWARICK; BONDUKI, 1994).

Vivendo em condições adversas, os catadores, como parcela marginalizada da sociedade, ocupam esses espaços de forma vulnerável, sujeitos a constantes ações repressivas do poder público, sem reconhecimento do valor sociocultural de suas iniciativas. Quando ligados a associações ou cooperativas, têm mais chance de produzir de forma organizada, embora ainda dependam das políticas públicas que lhes assegurem dignidade, autoestima e

pertença social. Políticas cujas alternâncias colocam em risco as conquistas alcançadas.

O reconhecimento de pontos de convergência entre o lixo e a arte exige das políticas públicas, como materialização do conflito de classes, um desafio que ultrapassa a questão ambiental e se apropria da estética como elemento chave a ser explorado. Valorizando as soluções criativas e produzindo pontos de intercessão entre uma atividade historicamente marginalizada e a arte, alçando os catadores de material reciclado a catadores de arte.

3.4 Arte e lixo como políticas públicas

O lixo torna-se um tema cada vez mais urgente, desafiando a formulação, implementação e gerenciamento de políticas públicas no mundo contemporâneo. A crise ambiental cria novas demandas sociais, colocando em dúvida a capacidade do Estado de gerenciar crises e determinar políticas eficientes para suprir novas carências. No Brasil, o péssimo impacto internacional na Conferência de Estocolmo, em 1972⁴⁵, deu origem a Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA, em 1974⁴⁶, orientada para a conservação do meio ambiente e uso racional dos recursos naturais. Em 1989, no governo Sarney, foi criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA⁴⁷, visando conter o aumento das queimadas na Amazônia e seus efeitos nas mudanças climáticas, política ampliada no governo Collor visando ganhar a confiança dos investimentos estrangeiros. No governo FHC a política ambiental se mantém desvinculada das políticas públicas e econômicas, em contraste com os avanços legais internacionais, mantendo as relações de burocracia e clientelismo como parte central da cultura brasileira (TAVOLARO, 1999).

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio 92, impõe ao debate sobre as questões ambientais maior visibilidade, almejando minimizar as

⁴⁵ A Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano ocorreu entre os dias 5 e 16 de junho de 1972, em Estocolmo, reunindo 113 países para discutir os problemas ambientais. Conhecida como Conferência de Estocolmo, teve como desdobramentos a elaboração de uma declaração com 26 princípios e a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

⁴⁶ A Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA foi criada pelo Decreto nº 73.030, de 30 de outubro de 1973. Disponível em: <[⁴⁷ Disponível em <http://www.ibama.gov.br/index.php> Acesso em: 27/04/2022](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-73030-30-outubro-1973-421650-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Cria%2C%20no%20%20C3%A2mbito%20do%20Minist%C3%A9rio,SEMA%2C%20e%20da%20outras%20provid%C3%A2ncias.> Acesso em: 02/04/2022.</p></div><div data-bbox=)

alterações climáticas e garantir a sobrevivência do planeta, conciliando desenvolvimento com proteção do ecossistema. Foram estabelecidas metas para a emissão de gases de efeito estufa (GEE) e a criação dos Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL), como estratégias econômicas de redução das mudanças climáticas. No Brasil, a implantação dos MDL visou o gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos, que exigia a busca do desenvolvimento sustentável com erradicação da pobreza (GOUVEIA, 2012).

3.4.1. A arte de catar lixo e os catadores como artistas

Os catadores de material reciclado foram os grandes protagonistas da indústria da reciclagem no Brasil, realizando um trabalho de grande importância ambiental e contribuindo para o retorno de matéria prima para o ciclo produtivo, gerando economia e evitando a destinação incorreta dos resíduos no meio ambiente. Os primeiros registros para a organização da atividade se deram a partir dos anos 80, com diferentes setores da sociedade envolvidos no processo de mobilização. A partir da década de 1990, ações sustentadas por forças políticas fortalecem a atividade de catação, com a estruturação de cooperativas que visavam romper com as relações de exploração. Entre essas forças destacamos a Missão dos Sofredores de Rua, com o apoio da Organização de Auxílio Fraternal – OAF, além do Fórum Nacional de Estudos sobre População de Rua, criado em 1993 pela Fraternidade das Oblatas de São Bento, com a realização de vários encontros regionais.⁴⁸

Ainda em meados de 1999 aconteceu o 1º Encontro Nacional dos Catadores de Papel e em 2001 a fundação do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclado - MNCR, oficializada no 1º Congresso Nacional de Catadores(as) (PINHEL, 2013). O lançamento da Carta de Brasília⁴⁹ deu-se nesse primeiro encontro, objetivando impulsionar a luta por direitos, dando ao movimento visibilidade e capacidade de articulação. Esta carta expressa necessidades básicas dos catadores, entre elas a regulamentação da profissão, enviando ao Congresso Nacional um anteprojeto de lei que os incluía no Plano Nacional de Qualificação Profissional, além da implantação de políticas de coleta seletiva, erradicação dos lixões e adoção de políticas de subsídio para a categoria. A luta por cidadania dos moradores em situação de rua é parte importante das reivindicações, visando romper com a discriminação e permitindo acesso ao

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.mnrc.org.br/sobre-o-mnrc/sua-historia>> Acesso em 09/12/2021.

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.mnrc.org.br/sobre-o-mnrc/sua-historia>> Acesso em: 09/12/2021

Sistema Único de Saúde – SUS, com a inclusão nos programas de saúde da família e de assistência social.

A realidade brasileira, desafiada pelo debate em torno do meio ambiente, desenvolve um ciclo de conquistas com o processo de democratização, sendo ampliadas com a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao governo e a implantação de um novo modelo administrativo. Em 2003 vários setores da sociedade foram atingidos com a criação de políticas públicas relacionadas ao meio ambiente, entre eles o MNCR, cuja dinâmica experimentou profundos avanços organizacionais, bem como mudanças estruturais, conquistando identidade jurídica, com capacidade de inserção no mercado de trabalho e nas pautas sociais. Neste mesmo ano, o 1º Congresso Latino Americano de Catadores reuniu catadores de diversos países e divulgou a Carta de Caxias, unificando a luta do movimento na América Latina e difundindo suas reivindicações.

O MNCR começa a mostrar força nacional, garantindo sua participação em importantes projetos no campo das políticas públicas. Representantes do Brasil, Uruguai e Argentina compartilharam suas experiências de luta em um contexto político adverso, onde as articulações entre os países da América Latina estavam subordinadas à ALCA⁵⁰, cujos acordos comerciais e práticas políticas ignoravam a importância da preservação do meio ambiente, bem como da unidade entre os povos (catadores) da América do Sul na luta por direitos.

Nas gestões petistas (2003-2016) uma série de medidas em benefício dos catadores foram instituídas, com maior permeabilidade do Estado em relação ao movimento e ampliação da sua dinâmica, cujo repertório não se restringe às oportunidades oferecidas pela conjuntura política, mas dela se aproveita para produzir protagonismo. Em 2003, ano em que Lula tomou posse, o governo criou o Comitê Interministerial de Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Material Recicláveis – CIISC⁵¹, convidando os MNCR a participar desse movimento, de forma inédita e bem sucedida. Lula foi o primeiro presidente a receber os catadores no Palácio do Planalto, criando uma relação de proximidade que ultrapassa as barreiras institucionais e se perpetua para além dos dois mandatos, num gesto político de permanente e afetuoso compromisso.

⁵⁰ A Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) foi um acordo comercial proposto em 1991 e levado adiante a partir de 2001, prevendo mecanismos de subordinação da América Latina a Washington, com dolarização da economia e priorização da venda de matéria prima a compradores estadunidenses. O acordo previa transformar o continente em “Estados Subordinados das Américas”, impedindo qualquer possibilidade de desenvolvimento soberano dos países a ele subordinados. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2020/11/21/15-anos-do-nao-a-alca-superacao-do-capitalismo-ainda-e-a-alternativa>> Acesso em: 10/12/2021.

⁵¹ Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-de-materiais-reciclaveis/comite-interministerial-para-inclusao-dos-catadores.html>> Acesso em: 11/12/2021.

Em 2005 acontece o 2º Congresso Latino Americano de Catadores(as), como continuação da articulação latina e abertura de novas frentes de luta. Em 2006, uma grande marcha até Brasília leva demandas para o Governo Federal, tornando-se um marco histórico na luta por direitos. Os desdobramentos deste Congresso ganharam fôlego com o 3º Congresso Latino Americano de Catadores de Material Recicláveis, reunindo delegados de quinze países da América Latina e o 1º Encontro Mundial dos Catadores. Participaram do encontro organizações sindicais, movimentos sociais, ONGs, além de acordos de cooperação de pesquisas com universidades. Havia ainda uma extensão do movimento, com representantes da Ásia, Egito, Índia, África, Canadá, Estados Unidos, Europa, México, Venezuela, Bolívia, Uruguai, Chile, Argentina, Brasil, Peru, Porto Rico, Equador e Paraguai.⁵²

A implementação dos programas Cataforte e Pró-Catador (ROSSI, 2019) constituem os primeiros passos no desbravamento de um campo até então pouco explorado, com ênfase na plataforma reivindicatória do movimento, subsidiando e firmando o catador como um ator político. A atividade de catação assume um caráter multidisciplinar, proporcionando o avanço do modelo inclusivo, com a implementação de financiamentos, além da construção de normas jurídicas que incluem os catadores em projetos de lei, tornando o tema da reciclagem uma pauta prioritária dos governos petistas.

O programa Cataforte⁵³ concentrou-se na formação política e profissional dos catadores, uma experiência bem sucedida que deu origem ao Cataforte 2, visando a aquisição de equipamentos de trabalho, estimulando a estruturação e comercialização do material reciclado. Por fim, o Cataforte 3 tratou do apoio à profissionalização dos empreendimentos, estruturando redes de cooperativas e facilitando a inserção no mercado de trabalho de forma competitiva. O Pró-Catador, criado em 2010⁵⁴, promoveu e integrou as ações através do Decreto 7405, de 23 dezembro 2010, direcionando investimentos à população organizada, identificando a figura do “trabalhador”, em contraposição à imagem negativa e socialmente construída em relação à figura do “catador”.

Em 2010, o Projeto de Lei 6822/10⁵⁵ regulamenta a profissão do catador, que passa a ser beneficiada com linhas de financiamento público, amparados pela Política Nacional de

⁵² Disponível em: <<https://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/na-colombia-3o-congresso-latino-americano-de-catadorese>> Acesso em: 13/12/2021.

⁵³ Disponível em: <<http://www.ceadec.org.br/projetos/cataforte-III--negocios-sustentaveis-em-redes-solidarias/apresentacao>> Acesso em: 13/12/2021.

⁵⁴ Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1026317/decreto-7405-10>> Acesso em: 14/12/2021.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/141503-trabalho-aprova-regulamentacao-de-catador-ereciclador-de-papel/>> Acesso em 14/12/2021.

Resíduos Sólidos (Lei 12.305/10, de 12 de agosto de 2010). O projeto, de autoria do Senador Paulo Paim (PT-RS) foi aprovado de forma conclusiva no governo Dilma Rousseff, que deu continuidade aos programas de Lula, reiterando seu compromisso com os catadores, defendendo a ampliação das cooperativas, garantindo sua proteção e combatendo a violência contra a população em situação de rua⁵⁶.

Entre as atividades desenvolvidas pelo MNCR, o fazer artístico se insere como instrumento de estímulo à economia criativa e projeto de transformação social. Em 2009, dentro do MNCR, surge o Expocatadores (BORBA, 2016), estabelecendo laços entre a atividade de catação e o processo criativo, através de exposições e oficinas com artistas plásticos que fazem do lixo sua fonte de inspiração. Entre os artistas que têm dialogado com os catadores através da arte, destacamos Nido Campolongo e sua exposição Intervenções Artísticas Recicladores - Catadores, visão para o futuro, patrocinada pela Braskem, Pepsico e Instituto Votorantim⁵⁷; Léo Piló e suas diferentes edições do inusitado Presépio Colaborativo da Casa Fiat de Cultura⁵⁸, cujas peças foram construídas coletivamente em parceria com os catadores (BORBA, 2016) e Mundano, grafiteiro paulista que utiliza sua arte para dialogar com os catadores e colocar em cena debates acerca das questões socioambientais (STEFANIU; RAIMO, 2016).

O Expocatadores contou com várias edições, a maioria delas com a participação de Lula e Dilma, além de artistas, artesãos e importantes personalidades públicas. A oitava e última edição aconteceu em 2017, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, CCUG, tendo como tema “A reciclagem popular: o papel dos catadores na defesa do planeta”, buscando conscientizar a sociedade sobre o papel dos catadores como agentes transformadores que colaboram para garantir um planeta sustentável para gerações futuras. Reconhecido como um dos mais importantes eventos de catadores do mundo, o evento discute a aprovação de projetos, com troca de experiência entre catadores, empresas, governo e outros parceiros para a organização produtiva da categoria⁵⁹.

Com a presença de mais de mil catadores e representantes do Distrito Federal, como a Secretaria do Verde e Meio Ambiente, Câmara Legislativa e Defensoria Pública da União, além do presidente do Compromisso Empresarial para Reciclagem – CEMPRES, representante da

⁵⁶ Disponível em: <<https://ptnosenado.org.br/dilma-rejeita-violencia-contra-populacao-de-rua>> Acesso em: 14/12/2021.

⁵⁷ Disponível em: <<https://memorial.org.br/expocatadores-2016-intervencoes-artisticas-promove-transformacao-social-de-catadores/>> Acesso em: 14/12/2021.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.casafiatdecultura.com.br/evento/preseprio-colaborativo-da-casa-fiat-de-cultura/>> Acesso em: 16/11/2021.

⁵⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4f11wE_v6fs Acesso em 06/04/2022

Coalizão de Empresas do Setor de Embalagens e Rede Latino-americana de Catadores (BORBA, 2017), o encontro se deu com debates, shows, desfiles, exposição de artesanato e interação com diferentes públicos de relevância no cenário da reciclagem. O Instituto Mix⁶⁰, um dos apoiadores da Expocatadores, disponibilizou alunos do curso de beleza que fizeram cabelo e maquiagem para o desfile, firmando seu compromisso de educação profissionalizante com a categoria. O músico percussionista Felipe Fiuza, pesquisador de instrumentos musicais feitos com sucata e autor do projeto “Som de Sobre”, se apresentou no evento mostrando que é possível fazer música com material descartável.⁶¹

Mesmo após tentativas de diálogo junto ao Governo Federal, a partir de 2019 o MNCR teve seus direitos atacados pelo governo Bolsonaro⁶², ameaçando décadas de conquistas, com práticas danosas à categoria e esvaziamento de iniciativas artísticas. Entre essas práticas estão o incentivo ao fechamento dos lixões sem a inclusão dos catadores em políticas públicas; a incineração sem reciclagem e a privatização dos resíduos sem incentivar as cooperativas, calando a voz da categoria e aumentando a destruição do meio ambiente. A reciclagem como forma mais eficaz de defesa da natureza, que gera trabalho e renda para milhares de catadores, deixou de ser prioridade, afetando de igual modo a continuidade de atividades lúdicas e criativas.

A volta das políticas públicas direcionadas para o setor, além de retomada das conquistas do passado, tem como desafio uma abordagem interdisciplinar, visando compreender a complexidade das relações e a multiplicidade do seu alcance, despertando a consciência em relação às questões que envolvem arte, lixo e subjetividade, para além do drama ambiental efetivamente explorado pelas políticas existentes. Indo em busca do equilíbrio entre preservação do meio ambiente e a luta de classes, tendo como foco o acesso aos processos artísticos e o domínio da estética em sua vertente ideológica. Compreendendo a interação entre os sujeitos e o meio ambiente a partir da subjetividade, como uma questão sócio cultural urgente e necessária.

O agir a partir da transversalidade presume o conhecimento como irrestrito a um único campo, sendo a triangulação entre arte, lixo e políticas públicas uma necessidade vital para a compreensão da dinâmica social e o equilíbrio entre preservação e desenvolvimento social. Levando em consideração questões relacionadas às diferentes linguagens teóricas envolvendo arte e estética, além dos valores humanos e sociais presentes em diferentes contextos históricos e culturais.

A formulação e execução de políticas públicas tem contado cada vez mais com a

sociedade civil organizada, representada por um mosaico de instituições dotadas de capacidades singulares, tal como vimos nessa pesquisa. Muitas delas voltadas para ações ambientalistas, com capacidade de mobilização da população para a realização de projetos sócio culturais, promovendo maior eficácia às intervenções públicas no setor. As complexas questões presentes na estrutura social brasileira tem como desafio a complementaridade de setores do campo social de forma interativa, com troca de conhecimentos, experiências, recursos e competências que impulsionem a criação de parcerias com objetivos comuns. Promovendo arranjos cooperativos e superação de conflitos de interesse entre governo, sociedade e mercado, ultrapassando a natureza diversificada de cada uma delas, numa complementariedade necessária para a promoção do bem público.

Em sua recente visita ao Complexo Integrado de Reciclagem do Distrito Federal - estrutura criada nos governos petistas – Lula afirmou que sem direito aos pobres não há o país que sonhamos, reforçando seu compromisso com a categoria e humanizando a atividade de catar lixo, em tempos em que os direitos se veem ameaçados pelo retrocesso e desmonte das políticas inclusivas. Parafraseando Lula, é possível dizer que sem arte não seremos capazes de restituir dignidade aos objetos desprezados e aos sujeitos que em torno dele laboram. Incluir no repertório das políticas públicas a atividade de catar lixo é incluir subjetividades, reconhecendo sujeitos que para além do ato de catar lixo, são capazes de transformar o lixo em arte. Incluir a sociedade civil e suas instituições nesse processo de interação entre arte, lixo e políticas públicas é mais um dos desafios da atualidade.

⁶⁰ Disponível em: www.institutomix.com.br Acesso em: 06/04/2022

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sC-4ZmJVbVw> Acesso em: 06/04/2022

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sC-4ZmJVbVw> Acesso em: 06/04/2022

Considerações Finais

A partir das articulações estabelecidas nesta pesquisa, concluímos alguns pontos que servem de referência para a manutenção desse debate. A primeira delas diz respeito à relevância da arte associada ao lixo, para além da questão ambiental, reestabelecendo o vínculo dos objetos com o processo histórico e com as mudanças que ele promove nas relações sociais. A relação sujeito-objeto, afetada pela acelerada produção de bens materiais, pelo consumo desenfreado e pelo descarte desordenado, tem na arte um novo campo para a ressignificação do objeto, abrindo espaço para o sujeito desejanste, que dele se aproxima contaminado pela subjetividade.

A relação que a arte estabelece com os objetos do mundo nos permite reconhecer neles vínculos entre o presente e o passado, reinscrevendo a história a partir dos fragmentos que colocam em cena uma sucessão de práticas e valores arbitrários. Nos convidando à reflexão acerca da cadeia de agrupamentos que o capitalismo promove, marcados pela exclusão e pela alienação do homem em relação ao fruto do seu trabalho. Promovendo cortes na realidade estruturada rumo ao progresso, onde os restos por ela produzidos ameaçam o meio ambiente, a vida no planeta e a humanidade.

O segundo ponto de referência diz respeito à atividade de catar lixo e sua relação com a produção artística, transformando a estética contida no gesto em um instrumento de luta e resistência contra a barbárie. Em um ambiente pouco propício à construção de uma nova realidade, surge de uma atividade marcada pelo desejo e pela imaginação, resultando numa cultura feita de conexões, com traços de identificação e pertencimento ao mundo da cultura, conquistada por uma população socialmente vulnerável.

O movimento estético dos catadores esbarra na ideologia, que resgata nesses restos a memória abandonada e recuperada pela catação, construindo de forma intuitiva novas unidades e novos padrões de ordenamento. Resistente às políticas de produção e consumo, o percurso de descarte, garimpagem e comercialização dos restos ocupa espaços não convencionais da cidade, através de um processo que coloca em cena profundas desigualdades, expondo de forma estética a divisão de classes.

O contato com a cultura é o terceiro ponto deste debate, que atinge a categoria de catadores de forma transversal, rompendo barreiras e cooperando para a superação da diferença no acesso ao mundo das artes. Sua dimensão democratizante promove a execução de políticas públicas associadas à produção e circulação de novas narrativas, com formatos disruptivos. A superação da dualidade entre o prático e o estético tem nos catadores de material reciclado um

campo de revolução, florescendo e produzindo manifestações inusitadas. A potência criativa contida no processo de seleção de comercialização dos restos merece atenção especial de pesquisa. O ciclo de conquistas promovido pelo Partido dos Trabalhadores permitiu aos catadores profundos avanços, com marcos históricos na luta por direitos, sendo a regulamentação da profissão de catador uma das mais importantes. A aproximação de Lula com a categoria ultrapassa as barreiras institucionais, se perpetuando para além dos mandatos e se transformando numa relação afetiva de compromisso anual conhecido como “Natal dos Catadores”, construindo uma longa história de união e solidariedade. Enquanto concluímos esse trabalho assistimos a posse de um terceiro mandato de Lula, depois de quatro anos de desmonte das políticas socioculturais, onde a esperança tomou posse e trouxe de volta a possibilidade de ampliação de novos projetos para a cultura e o meio ambiente, entre tantos avanços aguardados.

A ausência de autoridades para a tradicional passagem da faixa presidencial transformou o evento um dos mais belos da história, passando pelas mãos de um menino preto, um homem com deficiência, um metalúrgico, um professor, uma cozinheira, um artesão ativista, de um cacique indígena e finalmente de uma mulher negra, catadora e cooperativada, que teve a honra de colocar a faixa no presidente, representando um movimento histórico, cuja imagem ficou para sempre marcada. A charge de Aroeira e Chico Marinho traduz esse momento de forma poética, resumindo a importância da estética na ideologia e no simbolismo que transforma a história em arte.

FIGURA 14: Charge de Aroeira e Chico Marinho



Fonte: Instagram @arocartum 01.07.2022

“Jogaram ela no lixo, mas a gente recuperou e agora é nossa outra vez”, diz a charge recheada de simbolismo e memória. O lixo retorna ao campo da política com um gesto ensaiado,

marcando um novo período de conquistas, onde os catadores protagonizam a esperança e a luta por dias melhores. Os objetos desprezados, confundidos pelos sujeitos desprezados, retornam e nos ensinam que sem arte o lixo se mantém como rebotalho, contaminando a vida no planeta e os sujeitos que nela habitam, carentes de humanidade.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BENJAMIM, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: Obras Escolhidas, Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Obras escolhidas III. Charles Baudelaire - Um lírico no auge do capitalismo**. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- Paris, capital do Século XIX**. O livro das passagens, Paris CERF, 1989
- BORBA, Fernanda – **Começa hoje em Brasília a 8ª edição Expocatadores** – FEBRES/MNCR 11/12/2017 Disponível em <https://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/comeca-hoje-em-brasilia-a-8a-edicao-expocatadores>. Acesso em 06/04/2022.
- BOURDIEU, Pierre – **As regras da Arte – Gênese e estrutura do campo literário**. SP, 1996. Cia das Letras
- BRETON, Andre. **Manifestos do surrealismo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.
- COUTO, M.F. Morethy – **Arte engajada e transformação social: Helio Oiticica e a exposição Nova Objetividade Brasileira**. Estudos Históricos Vol 25, no 49 Rio de Janeiro, 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle**, in: DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992. P. 219 - 226.
- DIAS, Caio Gonçalves. **O Planejamento da Cultura: Políticas Culturais, Unesco e Brasil (1966-1988)*** ARTIGOS ORIGINAIS • Dados rev. ciênc. sociais 66 (1) • 2023 Publicado em 15/06/2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/ZFJYZ4ZVW4p8MBHQXnvRXts/?lang=pt> Acesso em 05/11/2022.
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- EVANGELISTA, Douglas de Souza. **Shopping-chão: identidade e circulação de pessoas e objetos em uma feira de “antiguidades” e “usados” no Centro do Rio de Janeiro**. Ponto Urbe, 15/2014 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283175380_Shopping-chao_identidade_e_circulacao_de_pessoas_e_objetos_em_uma_feira_de_antiguidades_e_usados_no_Centro_do_Rio_de_Janeiro. Acesso em 23/06/2022

EVANGELISTA, Rafael - **Documentário conta a história da mulher que luta para ganhar a vida e escapar da insanidade no lixão de Gramacho, no Rio, vivendo entre os restos e os descuidos de todos nós**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. 10 fev. 2009. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=resenha&edicao=32> Acesso em 10 fev. 2022.

FREITAS, Filipa Percheiro – **As ruas da Art Contemporânea – Estudo de caso etnográfico**. Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Educação e Formação. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33384/1/ulfpie052893_tm_tese.pdf

FREUD, Sigmund (1937) **Construções em Análise**. Obras Completas, Vol. XXIII – Imago – Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro, 1996.

_____ (1929) **O mal estar da civilização**. Obras Completas, Vol. XVIII – Imago – Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro, 1996.

GOUVEIA, Nelson – **Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social**. Artigo Ciência e Saúde Coletiva, 17(6) Junho 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/y5kTpqkqyY9Dq8VhGs7NwWg/?lang=pt> Acesso em: 03/04/2022

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 10ª ed. Campinas: Papirus; 1990.

KOGAN, Adriana – **Aparatos residuales: Cosmococas y Navilouca** Artigo Alea 22 (2) May-Aug 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/8b9DzCxwdhDhMzHLTzwfZ4s/?lang=es> Acesso em 23/03/2022.

KOWARICK, Lúcio e NABIL Bonduki. 1994. **“Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização”**. Em As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente, organizado por Lúcio Kowarick, 147-181. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LOEB, Angela Varela – **Os Bólides do programa ambiental de Hélio Oiticica**. ARS, SP 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/P5hDGHRTbV8w4YpnBtG96tK/?lang=pt> Acesso em: 26/03/2022.

LUKÁCS, G. **Estética I: la peculiaridade de lo estético**. Barcelona; México: Grijalbo, 1966.

LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. **O (não) lixo na era do consumo: Museu, Cidade, Arte**. **Repositório Institucional da UFSC**, Programa de Pós Graduação em História. Florianópolis/SC, 2018 Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191166>. Acesso em: 22/07/2022.

MARTINS, Vivian Suarez & CAMPOS, Gisela Belluzzo – **Design Gráfico e arte urbana**

como ferramentas para o desenvolvimento social. Interações (Campo Grande), Outubro de 2016. <<https://www.scielo.br/j/inter/a/sgytvHXdf5GkhfznXb3TchK/?lang=pt> > Acesso em: 26/01/2022.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, (1845-1846). **A ideologia alemã** São Paulo: Martins Fontes. 1979. **Sobre literatura e arte.** São Paulo: Global.

MEDEIROS, Afonso (2018) **Notas sobre arte, luxo, lixo, consumo e estética do cotidiano.** Revista Poiésis, 13(19) Disponível em: [file:///C:/Users/Gabi/Downloads/26927-Texto%20do%20Artigo-93715-1-10-20181006%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Gabi/Downloads/26927-Texto%20do%20Artigo-93715-1-10-20181006%20(3).pdf) Acesso em: 04/07/2022.

MICHAEL, Lowy – **A filosofia da história de Walter Benjamin.** Estudos Avançados. Agosto/2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/c7TdKSGxkSysjMds45cqs8v/?lang=pt>, Acesso em: 24/03/2022

MOREIRA & SPADA – **O fim do Ministério da Cultura: Reflexões sobre as Políticas Culturais na Era PósMinC.** Imaginário Coletivo, 1ª Edição, Santos, 2022.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Marcas de vida na paisagem de São Paulo: a “pixação” como epítáfio de uma cidade vandalizada.** Revista Estudos Sociais, Open Edition Jornal, Abril de 2020. <<https://journals.openedition.org/revestudsoc/47574>> Acesso em 25/01/2022.

PEREIRA, Verônica Sales. **Os rastros do trapeiro: memória, vulnerabilidade social e a cidade na experiência de moradores de rua no bairro do Brás em São Paulo.** Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo EESC-USP 2/2007 Disponível em: <file:///C:/Users/Gabi/Downloads/44713-Texto%20do%20artigo-53264-1-10-20120924.pdf> Acesso em: 27/06/2022

PINHEL, Julio Ruffin (Org) - **Do lixo à cidadania – Guia Para a Formação de Cooperativas de Catadores de Materiais Reciclado.** IPESA, 2013

PIRES, Elena Moraes & SANTOS, Fabio Alexandre dos – **A cidade de São Paulo e suas dinâmicas: graffiti, Lei da Cidade Limpa e publicidade urbana** - Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, 2018.

PITA, João Paulo Dantas – **Um estudo geográfico sobre os catadores de materiais recicláveis: o caso de Nova República/Salvador-BA.** Monografia apresentada à Universidade Federal da Bahia, 2015. <<http://www.geografia.ufba.br/Monografia%20Joao%20Pita>> Acesso em 6/01/2022.

PRADO, Luiz - **Destruição da Cultura no governo Bolsonaro é tema de livro.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/destruicao-da-cultura-no-governo-bolsonaro-e-tema-de>

livro/> Acesso em: 08/11/2022.

PRADO, Marcos. **Estamira**. Rio de Janeiro: RioFilme/Zazen, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: formação e sentido do Brasil**, capítulo 3, Classe, cor e preconceito). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSSI, Flávia Cristina Regilio - **O Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e os governos do PT: trama pelo sentido da política pública** - Revista Brasileira de Políticas Públicas Internacionais – RPPI, 2019

SANTINI, Alexandre – **A vitória de Lula abre novas perspectivas para o setor cultural**. Carta Capital, 05/11/22. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/opinia0/a-vitoria-de-lula-abre-novas-perspectivas-para-o-setor-cultural/>> Acesso em: 08/11/22

SCHETTINI, Andrea. **O que resta da Comissão Nacional da Verdade?: A política do tempo nas comissões da verdade**. Artigo Revista Direito e Práxis 13(3) Jul-Sep 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/K3tDKmkmzVkJTWfc5vgVrJZx/?lang=pt> Acesso em: 13/11/22

STEFANIU, Luciana e RAIMO, Luciana – **O Espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador**. Unicamp, 2016.

TAVOLARO, Sergio B.F. – **A Questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil**. Resenhas Book Reviews, Ambiente & Sociedade, Dez 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/asoc/a/6GKG5ZMmtQvqh9kmjsTFkjg/?lang=pt>> Acesso em: 02/04/2022

WINNICOTT, D.W. (1970) - **Ambiente e processos de maturação: teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre, Artmed, 1983.

Disponível em: <https://www.anf.org.br/shopping-chao-os-garimpeiros-da-selva-de-pedra/>
Acesso em 23/06/2022

Disponível em: <https://bafafa.com.br/mais-coisas/compras/feira-de-antiguidades-da-praca-xv>
Acesso em 22/06/2022

Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/09/13/homem-monta-museu-com-mais-de-mil-pecas-descartadas-no-lixo-em-curitiba-assista-ao-video.ghtml>. Acesso em: 24/06/2022

Disponível em: <<https://www.escriitoriodearte.com/artista/helio-oitica>> Acesso em: 27/03/2022

Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/obras/seja-marginal-seja-heroi-1968-de-helio-oitica/>>

Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/index.php> Acesso em:0270472022> Acesso em :

02/04/2022.

Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-73030-30-outubro-1973-421650-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Cria%2C%20no%20%C3%A2mbito%20do%20Minist%C3%A9rio,SEMA%2C%20e%20da%20outras%20provid%C3%AAsncias.>> Acesso em: 02/04/2022

Disponível em: <<https://www.mnrc.org.br/sobre-o-mnrc/sua-historia>> Acesso em 09/12/2021

Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/21/15-anos-do-nao-a-alca-superacao-do-capitalismo-ainda-e-a-alternativa>> Acesso em: 10/12/2021.

Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-de-materiais-reciclavéis/comite-interministerial-para-inclusao-dos-catadores.html>> Acesso em: 11/12/2021.

Disponível em: <<https://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/na-colombia-3o-congresso-latino-americano-de-catadores>> Acesso em: 13/12/2021.

Disponível em: <<http://www.ceadec.org.br/projetos/cataforte-III--negocios-sustentaveis-em-redes-solidarias/apresentacao>> Acesso em: 13/12/2021.

Disponível em: <<https://www.gov.br/secretariadegoverno/pt-br/assuntos/noticias/noticias-em-acervo/2013/10/29-10-2013-confira-o-edital-01-2013-selecionou-ao-todo-33-propostas-para-serem-beneficiadas-pelo-cataforte>> Acesso em: 13/12/2021

Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1026317/decreto-7405-10>> Acesso em: 14/12/2021.

Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/141503-trabalho-aprova-regulamentacao-de-catador-ereciclador-de-papel/>> Acesso em 14/12/2021.

Disponível em: <<https://ptnosenado.org.br/dilma-rejeita-violencia-contrapopulacao-de-rua>> Acesso em: 14/12/2021.

Disponível em: <<https://memorial.org.br/expocatadores-2016-intervencoes-artisticas-promove-transformacao-social-de-catadores/>> Acesso em: 14/12/2021.

Disponível em: <<https://www.casafiatdecultura.com.br/evento/presepio-colaborativo-da-casafiat-de-cultura/>> Acesso em: 16/11/2021.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4f11wE_v6fs Acesso em 06/04/2022

Disponível em: www.institutomix.com.br Acesso em: 06/04/2022

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sC-4ZmJVbVw> Acesso em: 06/04/2022

Disponível em <https://www.mnrc.org.br/sobre-o-mnrc/notas-e-declaracoes/movimentos-e-entidades-denunciam-situacao-dos-catadores-na-comissao-interamericana-de-direitos->

humanos. Acesso em 06/04/2022.

Disponível em: <https://pt.org.br/lula-aos-catadores-do-df-sem-direitos-aos-pobres-nao-ha-o-pais-que-sonhamos/> Acesso em 06/04/2022.

Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1986/1023/10237/lei-ordinaria-n-10237-1986-reestrutura-a-secretaria-da-habitacao-e-desenvolvimento-urbano-cria-os-cargos-correspondentes-eda-outras-providencias>> Acesso em: 21/01/2022.

Disponível em: <<https://cm-sao-paulo.jusbrasil.com.br/legislacao/804537/lei-14223-06>> Acesso em: 21/01/2022.

Disponível em: 02/04/2022

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento-urbano/participacao_social/conselhos_e_orgaos_colegiados/cppu/> Acesso em 22/01/2022

Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/6985/A-descriminalizacao-do-grafite-Lei-n-12408-2011-e-a-tipicidade-conglobante>> Acesso em: 15/01/2022.

Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/grafite-contra-o-lixo-reunira-mais-de-300-grafiteiros-em-muro-de-quase-1-km/> Acesso em: 07/04/2022.

Disponível em:

<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=224492>> Acesso em 12/04/2022

Disponível em: <<https://www.natgeo.pt/one-strange-rock/2018/03/bordalo-ii-o-artista-atras-do-lixo.>> Acesso em 01/04/2022

Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/voxel/jogos/pimp-my-ride> > Acesso em: 15/01/2022.

Disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2013/09/mundano-como-um-grafiteiro-se-tornou-simbolo-da-arte-que-muda-o-mundo.html>> Acesso em: 30/01/2022

Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/carrocas-do-futuro/>> Acesso em: 12/04/2022

Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/pimpex-2/> > Acesso em: 12/04/2022

Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/cataki/>> Acesso em: 12/04/2022

Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/desafio-pimp-2/>> Acesso em: 12/04/2022

Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/pimp-nossa-cooperativa-2/>> Acesso em 12/04/2022

Disponível em: < <https://pimpmycarroca.com/projetos/ecoponto/>> Acesso em: 12/04/2022

Disponível em:< <https://pimpmycarroca.com/projetos/acoes-ativistas/>> Acesso em:12/04/2022